



Standards on the Use of Force in Brazil

Estándares sobre el Uso de la Fuerza en Brasil

Normas sobre o Uso da Força no Brasil

Brasília-DF, 2026



DIRETORIA
DO SISTEMA ÚNICO
DE SEGURANÇA PÚBLICA

SECRETARIA NACIONAL
DE SEGURANÇA PÚBLICA

MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



**Standards on
the Use of Force
in Brazil**

**Estándares sobre
el Uso de la
Fuerza en Brasil**

**Normas sobre
o Uso da Força
no Brasil**

Brasília-DF, 2026

Credits / Créditos / Expediente

Standards on the use of force in Brazil / Estándares sobre el uso de la fuerza en Brasil / Normas sobre o uso da força no Brasil

**President of the Republic / Presidente de la República /
Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

**Minister of Justice and Public Security / Ministro de Justicia y
Seguridad Pública / Ministro da Justiça e Segurança Pública**

Wellington César Lima e Silva

**National Secretary for Public Security / Secretario Nacional de
Seguridad Pública / Secretário Nacional de Segurança Pública**

Francisco Lucas Costa Veloso

**Director of the Unified Public Security System / Directora del
Sistema Único de Seguridad Pública / Diretora do Sistema
Único de Segurança Pública**

Isabel Seixas de Figueiredo

**General Coordinator for Governance and Management of the
Unified Public Security System / Coordinador General de
Gobernanza y Gestión del Sistema Único de Seguridad Pública
/ Coordenador-Geral de Governança e Gestão do Sistema
Único de Segurança Pública**

Márcio Júlio da Silva Mattos

**Ministry of Justice and Public Security / Ministerio de Justicia y
Seguridad Pública / Ministério da Justiça e Segurança Pública**

National Secretariat for Public Security / Secretaría Nacional de
Seguridad Pública / Secretaria Nacional de Segurança Pública

Directorate of the Unified Public Security System / Dirección del
Sistema Único de Seguridad Pública / Diretoria do Sistema Único de
Segurança Pública

Coordenação-Geral de Governança e Gestão do Sistema Único de
Segurança Pública – CGSUSP

Esplanada dos Ministérios, Bloco T, Edifício Anexo II, Sala 507,
Brasília-DF, CEP 70064-900

2026© Secretaria Nacional de Segurança Pública

All rights reserved. Reproduction of this work in whole or in part is permitted, provided that the source is cited and that it is not intended for sale or any commercial purpose / Todos los derechos reservados. Se permite la reproducción total o parcial de esta obra, siempre que se cite la fuente y que no tenga fines de venta ni de ningún uso comercial / Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que seja citada a fonte e não seja para venda ou qualquer fim comercial.

**EDITING AND DISTRIBUTION / EDICIÓN Y DISTRIBUCIÓN /
EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO**

Ministry of Justice and Public Security / Ministerio de Justicia y
Seguridad Pública / Ministério da Justiça e Segurança Pública

National Secretariat for Public Security / Secretaría Nacional de
Seguridad Pública / Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP

This document is a compilation of the legal norms governing the use of force in Brazil, made available in English, Spanish, and Portuguese / Este documento es una compilación de las normas jurídicas que regulan el uso de la fuerza en Brasil, disponible en inglés, español y portugués / Este documento é um compilado das normas jurídicas que regulam o uso da força no Brasil, disponibilizado nos idiomas Inglês, Espanhol e Português.

TRANSLATIONS / TRADUCCIONES / TRADUÇÕES

Fidelity Traduções

TECHNICAL REVIEW / REVISIÓN TÉCNICA / REVISÃO TÉCNICA

Márcio Júlio da Silva Mattos

General Coordinator for Governance and Management of the
Unified Public Security System / Coordinador General de
Gobernanza y Gestión del Sistema Único de Seguridad Pública /
Coordenador-Geral de Governança e Gestão do Sistema Único de
Segurança Pública

Amanda Barreto da Costa Schmidt

Seconded Public Servant / Funcionaria pública en comisión de
servicios / Servidora Mobilizada

**GRAPHIC DESIGN AND LAYOUT / DISEÑO GRÁFICO Y
DIAGRAMACIÓN / PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Oficina 22 Estúdio Design Gráfico e Digital

**TECHNICAL SUPPORT / ASISTENCIA TÉCNICA / APOIO
TÉCNICO**

International Committee of the Red Cross (ICRC) / Comité
Internacional de la Cruz Roja (CICR) / Comitê Internacional da Cruz
Vermelha (CICV)

Edmar Martins – Adviser to the Programme with Police and Security
Forces of the ICRC / Asesor del Programa con las Fuerzas Policiales
y de Seguridad del CICR / Assessor do Programa com Forças
Policiais e de Segurança do CICV

341.5514

S785

Standards on the use of force in Brazil = Estándares sobre el uso de la fuerza en Brasil = Normas sobre o uso da força no Brasil / revisão técnica Márcio Júlio da Silva Mattos, Amanda Barreto da Costa Schmidt.
– Brasília : Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2026.
120 p.

Esta obra é um compilado das normas jurídicas que regulam o uso da força no Brasil, disponibilizado nos idiomas inglês, espanhol e português.

ISBN digital 978-85-5506-168-4

ISBN físico 978-85-5506-169-1

1. Força policial, legislação, Brasil. 2. Polícia, poderes e atribuições, Brasil. 3. Segurança Pública, Brasil. 4. Política de segurança, Brasil. I. Mattos, Márcio Júlio da Silva. II. Schmidt, Amanda Barreto da Costa. III. Brasil. Secretaria Nacional de Segurança Pública. IV. Título.

CDD

How to cite: / Cómo citar: / Como citar: BRASIL. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Standards on the use of force in Brazil = Estándares sobre el uso de la fuerza en Brasil = Normas sobre o uso da força no Brasil. Revisão técnica: Márcio Júlio da Silva Mattos; Amanda Barreto da Costa Schmidt. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2026. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/17027>.

Summary

Law No. 13,060 of 22 December 2014.....	6
Decree No. 12,341 of 23 December 2024.....	8
Ordinance No. 855 of 17 January 2025 of the Minister of Justice and Public Security.....	15
Ordinance No. 856 of 17 January 2025 of the Minister of Justice and Public Security.....	28
Ordinance No. 648 of 28 May 2024 of the Minister of Justice and Public Security.....	31

ESTÁNDARES SOBRE EL USO DE LA FUERZA EN BRASIL

Índice

Ley n.º 13.060, de 22 de diciembre de 2014.....	43
Decreto n.º 12.341, de 23 de diciembre de 2024.....	45
Resolución del Ministro de Justicia y Seguridad Pública n.º 855, de 17 de enero de 2025.....	53
Resolución del Ministro de Justicia y Seguridad Pública n.º 856, de 17 de enero de 2025.....	67
Resolución del Ministro de Justicia y Seguridad Pública n.º 648, de 28 de mayo de 2024.....	70

NORMAS SOBRE O USO DA FORÇA NO BRASIL

Sumário

Lei n.º 13.060, de 22 de dezembro de 2014.....	83
Decreto n.º 12.341, de 23 de dezembro de 2024.....	85
Portaria do Ministro da Justiça e Segurança Pública n.º 855, de 17 de janeiro de 2025.....	92
Portaria do Ministro da Justiça e Segurança Pública n.º 856, de 17 de janeiro de 2025.....	106
Portaria do Ministro da Justiça e Segurança Pública n.º 648, de 28 de maio de 2024.....	109

Law No. 13,060 of 22 December 2014

**Regulates the use of less-lethal weapons
by law enforcement officials throughout
the national territory.**

The President of the Republic hereby announce that the National Congress decrees and I sanction, the following Law:

Article 1. This Law regulates the use of less-lethal weapons by law enforcement officials throughout the national territory.

Article 2. Law enforcement agencies shall prioritize the use of less-lethal weapons, provided that their use does not endanger the physical or mental integrity of police officers, and shall adhere to the following principles:

I - legality;

II - necessity;

III - reasonableness and proportionality.

Sole paragraph. It is not legitimate to use a firearm:

I - against a fleeing person who is unarmed or who does not pose an immediate risk of death or injury to law enforcement officials or third parties; and

II - against a vehicle that disrespects a police blockade on a public road, except when the act represents a risk of death or injury to law enforcement officials or third parties.

Article 3. The training and qualification courses of law enforcement officials must include programmatic content that enables them to use less-lethal weapons.

Article 4. For the purposes of this Law, less-lethal weapons are considered to be those specifically designed to restrain, weaken, or temporarily incapacitate persons with a low probability of causing death or permanent injury.

Article 5. The public authorities have a duty to provide all law enforcement officials with less-lethal weapons for the rational use of force.

Article 6. Whenever the use of force by law enforcement officials results in injuries to persons, immediate medical assistance and first aid must be provided to the injured, as well as notification of the incident to the family or a person designated thereby.

Article 7. The Executive Branch shall issue regulations classifying and disciplining the use of less-lethal weapons.

Article 8. This Law shall enter into force on the date of its publication.



Brasília, 22 December 2014;

193rd year of Independence and 126th year of the Republic.

Published in the FEDERAL OFFICIAL GAZETTE of 23 December 2014.

Decree No. 12,341 of 23 December 2024

Regulates Law No. 13,060 of 22 December 2014, to discipline the use of force and less-lethal weapons by law enforcement officials.

The President of the Republic, in the exercise of the powers conferred upon him by Article 84, caput, items IV and VI (a), of the Constitution, and having regard to the provisions of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and Articles 3, 4, caput, item IX, 5, caput, items IV and XI, and 7 of Law No. 13,675 of 11 June 2018,

Decreets:

CHAPTER I

PRELIMINARY PROVISIONS

Article 1. This Decree regulates the use of force and less-lethal weapons by public security professionals, with a view to promoting efficiency, transparency, the appreciation of law enforcement officials, and respect for human rights.

Sole paragraph. The classification of less-lethal weapons shall comply with the provisions of Article 23 of Law No. 10,826 of 22 December 2003, in Article 4 and Article 7 of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and Decree No. 10,030 of 30 September 2019.

Article 2. The following are general principles for the use of force in public security:

- I - legality;
- II - precaution;
- III - necessity;
- IV - proportionality;
- V - reasonableness;
- VI - accountability; and
- VII - non-discrimination.

Sole paragraph. The use of force in public security must observe the following general guidelines:

- I - the use of force and less-lethal weapons may only occur to achieve a legal objective and within the strict limits of the law;
- II - law enforcement operations and actions must be planned and executed by adopting all necessary measures to prevent or minimize the use of force and to mitigate the severity of any direct or indirect harm that may be caused to any person;
- III - the use of force may only be employed when other means of lesser intensity are insufficient to achieve the intended legal objectives;
- IV - the level of force used must be commensurate with the seriousness of the threat posed by the conduct of the individuals involved and the legitimate objectives of the law enforcement officials' actions;
- V - force must be used with common sense, prudence and balance, according to the circumstances of the specific case, with a view to achieving a legitimate objective of law enforcement;
- VI - law enforcement agencies and officials must assume responsibility for the improper use of force, after the conclusion of an investigation process, respecting due process, the right to be heard and to an adversarial procedure; and
- VII - law enforcement officials shall act in a non-discriminatory manner, without prejudice based on race, ethnicity, color, gender, sexual orientation, language, religion, nationality, social origin, disability, economic status, political opinion, or any other nature.

CHAPTER II

DIFFERENTIATED USE OF FORCE

Article 3. Force shall be used in a differentiated manner, with the appropriate selection of the level to be employed, in response to an actual or potential threat, with a view to minimizing the use of means that may cause offenses, injuries or deaths.

Paragraph 1. Public security professionals should prioritize communication, negotiation and the use of techniques that prevent an escalation of violence.

Paragraph 2. The use of firearms shall be a measure of last resort.

Paragraph 3. It is not legitimate to use a firearm against:

I - a fleeing person who is unarmed or who does not pose an immediate risk of death or injury to law enforcement officials or third parties; and

II - a vehicle that disrespects a police blockade on a public road, except when the act represents a risk of death or injury to law enforcement officials or third parties.

Paragraph 4. The use of firearms or less-lethal weapons shall be restricted to professionals duly qualified to use them.

Paragraph 5. Whenever the use of force results in injury or death, a detailed report must be prepared, according to the parameters established in an act of the Minister of State for Justice and Public Security.

CHAPTER III

TRAINING

Article 4. When providing capacity-building for law enforcement officials regarding the use of force, law enforcement agencies shall comply with the following directives:

I - mandatory and annual training on the use of force;

II - conducting the training during working hours; and

III - adoption of content that addresses procedures for the proper use of different types of firearms and less-lethal weapons.

Sole paragraph. The national curriculum matrix referred to in Law No. 13,675 of 11 June 2018, must be updated to comply with the provisions of Law No. 13,060, of 22 December 2014, and this Decree.

CHAPTER IV

IMPLEMENTATION

Article 5. For the implementation of the provisions of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and in this Decree, it is incumbent upon the Ministry of Justice and Public Security to:

I - finance, according to budgetary availability, actions aimed at implementing the provisions of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and this Decree;

II - formulate, implement, monitor and evaluate actions related to the use of force, including diagnoses, standardization of procedures, doctrine, training and equipment acquisitions, among other aspects;

III - offer specialized technical consulting for actions related to the use of force by law enforcement agencies;

IV - develop, with the participation of law enforcement agencies, reference materials to support the implementation of the provisions of Law No. 13,060, of 22 December 2014, and this Decree, especially regarding:

- a) the use of handcuffs;
- b) personal and home search; and
- c) the work in prison environments;

V - to make available price registration records for the acquisition of firearms, less-lethal weapons, and personal protective equipment, for possible adoption by law enforcement agencies;

VI - carry out training actions on the use of force;

VII - encourage awareness-raising actions, discussion and integration of law enforcement agencies with civil society regarding the use of force;

VIII - promote the dissemination and exchange of best practices on the use of force;

IX - promote research and studies, with an emphasis on impact assessment, on the use of force;

X - establish actions to reduce the victimization of law enforcement officials and police lethality;

XI - consolidate and publish national data relating to the use of force by law enforcement officials; and

XII - develop measures to inform the public about policies regarding the use of force and how to report inappropriate conduct by law enforcement officials.

Article 6. For the implementation of the provisions of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and this Decree, law enforcement agencies shall observe the following guidelines:

I - drafting and updating regulations governing the differentiated use of force, including less-lethal weapons;

II - registration and publication of data on the use of force;

III - provision of personal protective equipment and at least two less-lethal weapons to all law enforcement officials on duty;

IV - establishment of ongoing programs to provide mental health care to law enforcement officials involved in high-risk incidents;

V - implementation, monitoring and evaluation of actions related to the differentiated use of force, including diagnoses, standardization of procedures and acquisitions, among other aspects;

VI - Implementation of actions to reduce the victimization of law enforcement officials and police lethality;

VII - training on the differentiated use of force;

VIII - promoting research and studies on the use of force, with an emphasis on impact assessment;

IX - standardization and oversight of the identification of law enforcement officials, in order to allow for the individualization of their actions during service; and

X - standardization of the actions of law enforcement officials in situations involving crisis management, personal searches, home searches, the use of handcuffs, and measures to be taken in cases where the use of force results in bodily injury or death.

CHAPTER V

CONTROL AND MONITORING MECHANISMS

Article 7. The following are guidelines for the operation of the oversight and internal control mechanisms of law enforcement agencies in supervising the use of force:

- I - ensuring transparency and public access to data and information on the use of force;
- II - providing channels for reporting and guidelines for registering and monitoring complaints about the use of force, through official communication channels, in a clear and accessible manner;
- III - guarantee of the effective and transparent processing of complaints regarding the use of force; and
- IV - strengthening the performance of the internal affairs and ombudsman offices of law enforcement agencies.

Sole paragraph. For the purposes of Article 5, item XI, incidents related to the use of force will be formally recorded by law enforcement agencies, according to parameters established by the Minister of State for Justice and Public Security, when:

- I - result in personal injury or death; or
- II - involve the use of firearms or less-lethal weapons in prison environments.

Article 8. An act of the Minister of State for Justice and Public Security will establish the National Committee for Monitoring the Use of Force – CNMUDF, with the purpose of monitoring and evaluating the implementation of the policies related to the use of force addressed herein.

Paragraph 1. The act referred to in the caput:

- I - shall provide for:
 - a) the composition of the collegiate, ensuring the participation of civil society;
 - b) their competencies; and
 - c) its form of operation;
- II - will comply with the provisions of Chapter VI of Decree No. 12,002 of 22 April 2024; and
- III - shall provide, among the purposes of the committee:

- a) the production of reports containing analysis and guidance on topics related to this Decree;
- b) monitoring the implementation of the National Public Security Plan, in relation to reducing police lethality and the victimization of law enforcement officials;
- c) the proposal of indicators for monitoring and evaluating the use of force;
- d) promoting the production and dissemination of technical and scientific knowledge related to the use of force;
- e) the preparation of guidelines for programs and actions related to the use of force; and
- f) coordination with state and district committees on the use of force, in order to promote the exchange of information and experiences and the reduction of police lethality and victimization of law enforcement officials.

Paragraph 2. The States, the Federal District, and the Municipalities, when establishing committees to monitor the use of force, shall observe the same purposes foreseen for the committee referred to in the main clause, guaranteeing, where applicable, the participation of representatives of civil society.

CHAPTER VI

FINAL PROVISIONS

Article 9. The transfer of resources from the National Public Security Fund and the National Penitentiary Fund for actions involving the use of force by law enforcement agencies of the States, the Federal District, and the Municipalities is conditional upon compliance with the provisions of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and this Decree.

Article 10. The Minister of State for Justice and Public Security will issue supplementary regulations necessary for the implementation of the provisions of this Decree.

Article 11. This Decree shall enter into force on the date of its publication.



Brasília, 23 December 2024;

203rd year of Independence and 136th year of the Republic.

Published in the FEDERAL OFFICIAL GAZETTE of 23 December 2024.

Ordinance No. 855 of 17 January 2025 of the Minister of Justice and Public Security

Regulates Decree No. 12,341 of 23 December 2024, and establishes guidelines on the use of force by law enforcement officials.

The Minister of State for Justice and Public Security, in the exercise of the powers conferred upon him by Article 87, sole paragraph, items I and II, of the Constitution, and in view of the provisions of Articles 1, 2 and 7 of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and Article 10 of Decree No. 12,341 of 23 December 2024, and what is contained in Administrative Process No. 08020.007623/2024-62, decides:

CHAPTER I

GENERAL PROVISIONS

Article 1. To establish supplementary rules to Decree No. 12,341 of 23 December 2024, which regulates the use of force and less-lethal weapons by law enforcement officials, with a view to promoting greater efficiency, transparency and appreciation of their activities.

Sole paragraph. The objectives of this Ordinance are:

- I - to ensure the correct use of force in safety actions;
- II - to increase the professionalization and training of members of law enforcement agencies;

III - stimulate the publication by the different public security bodies of normative acts disciplining the use of force within the scope of their respective competences;

IV - foster the production of data and analysis on the use of force;

V - to encourage the expansion of supervision and oversight of the use of force in public security actions, especially through police internal affairs departments and ombudsman offices; and

VI - encourage the adoption of less-lethal weapons.

Article 2. This Ordinance applies to:

I - Federal Police;

II - Federal Highway Police;

III - Federal Penitentiary Police;

IV - National Public Security Force; and

V - National Penitentiary Force.

Article 3. The provisions hereof shall be observed by state, district and municipal law enforcement agencies in initiatives involving funds from the National Public Security Fund and the National Penitentiary Fund for projects, actions and objects related to the use of force, including transfers and donations.

Article 4. The following are general principles for the use of force in public security:

I - legality;

II - precaution;

III - necessity;

IV - proportionality;

V - reasonableness;

VI - accountability; and

VII - non-discrimination.

Article 5. For the purposes hereof, the following definitions apply:

I - actions involving the use of force in public security: activities carried out by its professionals with the objective of preventing, suppressing, or investigating violations of the current legal framework;

II - force: coercive intervention imposed on a person or group of people by law enforcement officials with the purpose of preserving public order, physical safety and property;

III - less-lethal weapons: devices specifically designed to minimize the risk of causing death or permanent injury;

IV - less-lethal weapons for debilitation: artifacts capable of temporarily reducing a person's ability to react, decreasing their energy, vigor, or firmness;

V - less-lethal weapons for incapacitation: devices that act directly on the nervous system, causing involuntary reactions in the body, leading to a loss of control over one's actions;

VI - de-escalation techniques: procedures, tactics, or strategies used with the aim of reducing the intensity of a confrontation or a situation with the potential to generate violence, minimizing the use of force; and

VII - differentiated use of force: appropriate selection of the level of force to be employed in response to a real or potential threat, with a view to minimizing the use of means that may cause offense, injury or death.

Article 6. The use of force in public security shall observe the following general guidelines:

I - the use of force and less-lethal weapons may only occur to achieve a legal objective and within the strict limits of the law;

II - law enforcement operations and actions must be planned and executed by adopting all necessary measures to prevent or minimize the use of force and to mitigate the severity of any direct or indirect harm that may be caused to any persons;

III - the use of force may only be employed when other means of lesser intensity are insufficient to achieve the intended legal objectives;

IV - the level of force used must be commensurate with the seriousness of the threat posed by the conduct of the individuals involved and the legitimate objectives of the law enforcement officials' actions;

V - force must be used with common sense, prudence and balance, according to the circumstances of the specific case, with a view to achieving a legitimate objective of law enforcement;

VI - law enforcement agencies and officials must assume responsibility for the improper use of force, after the conclusion of an investigation process, respecting due process, the right to be heard and to an adversarial procedure; and

VII - law enforcement officials must act in a non-discriminatory manner, without prejudice based on race, ethnicity, color, gender, sexual orientation, language, religion, nationality, social origin, disability, economic status, political opinion, or any other nature.

CHAPTER II

CIRCUMSTANCES OF THE DIFFERENTIATED USE OF FORCE

Section I Differentiated Use of Force

Article 7. Force shall be used in a differentiated manner, with the appropriate selection of the level to be employed, in response to an actual or potential threat, with a view to minimizing the use of means that may cause offenses, injuries or deaths.

Sole paragraph. Law enforcement officials should prioritize communication, negotiation and the use of techniques that prevent an escalation of violence.

Section II Use of Firearms

Article 8. The use of firearms shall be a measure of last resort.

Paragraph 1. It is not legitimate to use a firearm against:

I - against a fleeing person who is unarmed or who does not pose an immediate risk of death or injury to law enforcement officials or third parties; or

II - against a vehicle that disrespects a police blockade on a public road, except when the act represents a risk of death or injury to law enforcement officials or third parties.

Paragraph 2. The use of firearms by law enforcement officials embarked on aircraft during operations will only be permitted in cases of strict necessity for the legitimate defense of crew members, ground teams, and the civilian population.

Paragraph 3. The use of firearms shall be restricted to duly qualified professionals.

Article 9. In the regulation of the use of firearms, law enforcement agencies, subject to their respective institutional attributions, shall observe:

- I - the appropriate circumstances for its use, handling and storage;
- II - the technical, operational and legal peculiarities of its activities;
- III - the registration and control of its use, including the respective accessories and ammunition, especially when shots are fired;
- IV - the technical standards developed by the National Secretariat of Public Security of the Ministry of Justice and Public Security;
- V - the development of training programs, including the use of virtual equipment that simulates real-life situations, without prejudice to practical shooting exercises;
- VI - the establishment of operational protocols;
- VII - the supervisory bodies and their responsibilities, including regarding the monitoring of incidents as established in Article 26; and
- VIII - the periodicity of carrying out the psychological evaluation of law enforcement officials.

Article 10. Law enforcement officials should not:

- I - use firearms:
 - a) against a fleeing person who is unarmed or who does not pose an immediate risk of death or injury to law enforcement officials or third parties; or
 - b) against a vehicle that disregards a stop order or police roadblock on a public road, except when the act represents a risk of death or injury to law enforcement officials or third parties;
- II - pointing a firearm at people during approach procedures as a routine and indiscriminate practice; and
- III - shoot randomly or as a warning.

Sole paragraph. The use of firearms in prison environments will be restricted to situations of serious and imminent threat to the life or physical integrity of law enforcement officials or third parties, and is not recommended during routine prisoner movements, except in exceptional circumstances, duly authorized and justified by the competent authority.

Article 11. The renewal of the authorization to use a firearm in service shall be carried out every three years, subject to passing the relevant technical and psychological examinations. (As amended by Ordinance No. 1,121 of the Ministry of Justice and Public Security of 6 January 2026)

Section III

Regarding the Use of Less-Lethal Weapons

Article 12. In regulating the use of instruments with less-lethal weapon, law enforcement agencies must observe:

- I - the appropriate circumstances for its use, handling and storage;
- II - the technical, operational and legal peculiarities of its activities;
- III - situations in which the use of less-lethal weapons will be recommended to the detriment of other equipment;
- IV - the need for the registration and control of less-lethal weapons;
- IV - the technical standards of the National Secretariat of Public Security of the Ministry of Justice and Public Security;
- VI - the establishment of operational protocols; and
- VII - the supervisory bodies and their responsibilities, including regarding the monitoring of incidents as established in Article 26.

Paragraph 1. The use of techniques and less-lethal weapons will be restricted to duly qualified professionals and must be prioritized, whenever possible and operationally appropriate, not being restricted to specialized units.

Paragraph 2. Training for law enforcement officials in the use of less-lethal weapons should preferably be conducted annually and in person.

Article 13. Law enforcement agencies must make available to their professionals on duty, individually, at least:

- I - an instrument of lower specific offensive potential of debilitation;
- II - an instrument of lower specific offensive potential of incapacitation; and
- III - personal protective equipment necessary for their performance regardless of whether or not they carry a firearm.

Sole paragraph. Less-lethal weapons and protective equipment must be in full conditions of use and within the expiration date.

Section IV

Crisis Management

Article 14. In the regulation of situations involving crisis management, law enforcement agencies must observe the following parameters:

- I - strategically plan operations, considering the various scenarios, intelligence information and risk analysis, to minimize or mitigate damage and the inappropriate use of force;
- II - document the procedures, preferably by means of body-worn cameras, in accordance with Ordinance No. 648/2024 of the Minister of Justice and Public Security;
- III - continuously monitor and supervise operations, making tactical adjustments in real time to ensure the legality and effectiveness of the intervention; and
- IV - record and justify the actions and decisions taken during operations.

Article 15. Law enforcement agencies must have a technical structure to carry out crisis management, in order to identify and prevent, in advance, possible operational problems, in order to apply the necessary resources to better solve them.

Sole paragraph. The use of tactical alternatives in crisis management will consider:

- I - negotiation as the main alternative; and
- II - the need and measurement of the risk of adopting measures of differentiated use of force.

Section V

Personal and Home Search

Article 16. The regulation of personal search by law enforcement agencies will observe the following parameters:

- I - inform the persons submitted to the measure of the reasons that motivated it, clarifying their rights, in a clear and understandable manner;
- II - establish that the procedure is as less invasive as possible, in order to minimize constraints;

III - limit the use of force to the minimum necessary, which must be proportional to the resistance presented by the person;

IV - record the identity of the person searched and the reasons for carrying out the procedure; and

V - document the procedures, preferably by means of body-worn cameras, in accordance with Ordinance No. 648/2024 of the Minister of Justice and Public Security;

Paragraph 1. Exceptionally, and on a justified basis, individualized recording may be waived in situations of crowd control, in the monitoring of events where the number of persons renders its implementation impossible, or when operational risk conditions make the documentation of the procedure unfeasible. (As amended by Ordinance No. 1,121 of the Ministry of Justice and Public Security of 6 January 2026)

Paragraph 2. An approach based on reasonable suspicion is an exceptional measure that is only justified in situations where there is evidence of possession of weapons or other illegal or dangerous objects.

Article 17. The regulation of home search must observe the following parameters:

I - Inform the person of the reasons for the measure, clarifying their rights in a clear and understandable manner;

II - to minimize any harm to persons or property, ensuring that the procedure is as minimally invasive as possible;

III - limit the use of force to the minimum necessary;

IV - record the identity of the individuals subject to the measure and that of other residents or those present, as well as the reasons that motivated it;

V - obtain and record the resident's consent, in the absence of a court order, which must be voluntary and free from any constraint or coercion, except in cases of flagrant offense;

VI - to adopt disciplinary measures in cases where the professional exceeds the legal limits of their role or engages in discriminatory conduct;

VII - to promote actions aimed at raising awareness among law enforcement officials so that they observe impartiality and legality and avoid abusive or prejudiced behavior; and

VIII - document the procedures, preferably using body-worn cameras in accordance with Ordinance No. 648/2024 of the Minister of Justice and Public Security.

Section VI

The Use of Handcuffs

Article 18. The use of handcuffs will always be exceptional, and must observe the following assumptions, without prejudice to the provisions of Binding Abridgment No. 11 of the Federal Supreme Court:

- I - resistance to the legal order;
- II - well-founded fear of escape of the prisoner; and
- III - danger to own or others' physical integrity.

Sole paragraph. Exceptionality will be justified in writing, in a record of the fact or in an operational report.

Article 19. In regulating the use of handcuffs, law enforcement agencies must observe the following parameters:

- I - respect the criteria established in Article 18;
- II - consider the technical peculiarities, constitutional powers and activities of each law enforcement agency in the use of handcuffs;
- III - adopt operational procedures that guarantee the safety of the law enforcement officials and that are in accordance with the fundamental rights of the person being approached;
- IV - to establish criteria that support law enforcement officials in identifying situations where handcuffs should be used; and
- VIII - document the procedures, preferably using body-worn cameras in accordance with Ordinance No. 648/2024 of Ministry of Justice and Public Security.

Section VII

Injury or Death Resulting from the Use of Force

Article 20. Where the use of force results in injury or death, law enforcement officials shall:

- I - facilitate the provision of aid or medical assistance to the injured;
- II - ensure the preservation of the location of the facts;
- III - request the presence of the judicial police and criminal experts for the technical registration of the facts;

IV - to report the incident to the family, friends, or acquaintances of the injured or deceased person;

V - prepare a detailed report with the information referred to in Article 26 hereof; and

VI - report the events, in a faithful and detailed manner, to the administrative departments or equivalent bodies, in order to contribute to the elucidation of the facts.

Paragraph 1. Occurrences that result in death or bodily injury will be immediately reported to the Public Prosecution Office.

Paragraph 2. The law enforcement agencies will maintain a permanent technical team focused on the study of occurrences related to bodily injuries and deaths.

CHAPTER III

CONTROL AND MONITORING MECHANISMS

Article 21. The law enforcement agencies will maintain internal affairs, endowed with autonomy in the exercise of their powers, being responsible for ascertaining the functional responsibility of the professionals who integrate them, through disciplinary administrative procedures.

Art. 22. Pursuant to Article 34 of Law No. 13,675 of 11 June 2018, ombudsman bodies endowed with autonomy and independence in the exercise of their duties shall be established.

Sole paragraph. The ombudsmen will be responsible for receiving and handling representations, compliments and suggestions from anyone about the actions and activities of law enforcement officials, and must forward them to the agency with attribution for legal measures and the response to the applicant.

Article 23. The following are guidelines for the operation of the oversight and internal control mechanisms of law enforcement agencies in supervising the use of force:

I - ensuring transparency and public access to data and information on the use of force;

II - providing channels for reporting and guidelines for registering and monitoring complaints about the use of force, through official communication channels, in a clear and accessible manner;

III - guarantee of the effective and transparent processing of complaints regarding the use of force; and

IV - strengthening the performance of the internal affairs and ombudsman offices of law enforcement agencies.

Article 24. Incidents involving the use of force will be formally recorded by law enforcement agencies when:

I - result in personal injury or death; or

II - involve the use of firearms or less-lethal weapons in prison environments.

Sole paragraph. Acts from the National Secretariat of Public Security and the National Secretariat of Penal Policies will regulate the records referred to in items I and II of the heading of this article, respectively.

Article 25. Law enforcement agencies must produce and publish data related to the number:

I - public security professionals killed and injured during or off duty;

II - of persons killed and injured as a result of public security actions during or off duty; and

III - complaints received, investigations carried out and sanctions applied due to occurrences with bodily injury or death.

Article 26. Law enforcement agencies must maintain a record of incidents related to the use of force that result in bodily injury or death, containing at least the following data or information:

I - date, time and place of the event;

II - Identification of the law enforcement officials involved, the victims, and the witnesses, if any;

III - detailed description of the equipment used, with data on the type, model and serial number;

IV - indication of the physical and social characteristics of the victims;

V - measures taken before firing shots or using less-lethal weapons;

VI - description of the circumstances, justifications and consequences related to the event and the level of force used;

VII - type of weapon and ammunition, quantity and approximate distance of shots fired;

VIII - number of people injured during the action;

IX - actions taken to facilitate medical assistance, if necessary; and

X - procedures for preserving the incident scene.

Paragraph 1. In the event that it is impossible to register any of the above data, the law enforcement officials involved must provide a detailed justification.

Paragraph 2. All situations involving the use of firearms or less-lethal weapons in prison environments, regardless of the outcome, must be documented.

Article 27. The National Public Security, Prison, Weapon and Ammunition Traceability, Genetic Material, Fingerprint, and Drug Information System (Sinesp) shall provide tools on its platform to enable the recording of circumstances related to the use of force by law enforcement officials.

CHAPTER IV

TRAINING

Article 28. Law enforcement agencies must ensure adequate resources for the training of their professionals, as well as regulate:

I - the curriculum matrix providing for a specific subject on the use of force, including content related to less-lethal weapons;

II - updating the programs, in accordance with best practices and new technologies available;

III - the frequency of courses;

IV - the mechanisms for the participation of law enforcement officials in the evaluation of courses;

V - the pedagogical updating of teachers on the use of force; and

VI - the content and minimum training hours for qualification and updating in the use of each type of firearm and less-lethal weapon.

Paragraph 1. The selection of teachers will meet the following requirements:

I - assessment of theoretical and practical knowledge;

II - analysis of the formal curriculum, giving greater weight to teaching activities;

III - professional experience in final activities; and

IV - analysis of functional records.

Paragraph 2. The national curriculum matrix referred to in Law No. 13.675, of 2018, must be updated according to the dictates of Law No. 13,060, of 22 December 2014, Decree No. 12,341 of 2024, and this Ordinance.

CHAPTER V

FINAL PROVISIONS

Article 29. The National Secretariat for Public Security and the National Secretariat for Penal Policies will adopt, within their respective areas of competence and in support of federated entities, actions aimed at certifying, prospecting, acquiring, and contracting equipment and services necessary for the implementation of actions and projects related to the use of force.

Article 30. The Federal Police, the Federal Highway Police, the Federal Penitentiary Police, the National Public Security Force, and the National Penitentiary Force shall:

I - to establish a commission responsible for evaluating the internal situation in relation to this Ordinance and proposing measures to ensure the necessary adjustments, within a period of sixty days;

II - to establish supplementary rules to this Ordinance, within a period of one hundred and twenty days; and

III - adapt their operational procedures, training and continuing education courses, and internal control bodies to the provisions of this Ordinance, within a period of one hundred and eighty days.

Sole paragraph. The time limits referred to in this article will be counted from the date of publication hereof.

Article 31. Interministerial Ordinance of the Ministry of Justice and the Secretariat for Human Rights of the Presidency of the Republic No. 4,226 of 31 December 2010, is hereby revoked.

Article 32. This ordinance shall enter into force on the date of its publication.



Published in FEDERAL OFFICIAL GAZETTE No. 12-A of 17 January 2025.

Ordinance No. 856 of 17 January 2025 of the Minister of Justice and Public Security

Establishes the National Committee for Monitoring the Use of Force – CNMUDF.

The Minister of State of Justice and Public Security, in the exercise of the powers conferred upon him by Article 87, sole paragraph, items I and II, of the Constitution, and in view of the provisions of Article 8 of Decree No. 12,341, of 23 December 2024, and the contents of Administrative Process No. 08020.007623/2024-62, decides:

Article 1. To establish the National Committee for Monitoring the Use of Force – CNMUDF, as referred to in Article 8 of Decree No. 12,341, of 23 December 2024, for the purpose of monitoring and evaluating the implementation of policies relating to the use of force by public security professionals.

Article 2. The CNMUDF has the following attributions:

I - produce reports with analyses and guidelines for implementing the provisions of Decree No. 12,341 of 2024, and its respective regulations;

II - monitor the implementation of the National Public Security Plan, in relation to the differentiated use of force and the reduction of police lethality and victimization of public security agents;

III - propose indicators for monitoring and evaluating the use of force;

IV - encourage the production and dissemination of technical and scientific knowledge related to the use of force;

V - develop guidelines for programs and actions related to the use of force; and

VI - coordinate with state and district committees and with entities and members of civil society regarding the use of force, in order to promote the exchange of information and experiences and the reduction of police lethality and the victimization of law enforcement officials.

Article 3. The CNMUDF will be composed of the following members:

I - the National Secretary of Public Security of the Ministry of Justice and Public Security, who will preside over it;

II - representatives of the following bodies:

a) from the Ministry of Justice and Public Security:

1. one from the National Secretariat for Penal Policies;

2. one from the Federal Police;

3. one from the Federal Highway Police; and

4. two of the National Secretariat of Public Security, being:

4.1. one of the Executive Board of the Unified Public Security System; and

4.2. one of the Information Management Board;

b) one from the National Council of Commanders-General of the State Military Police; and

c) one of the National Council of Chiefs of State Civil Police;

III - a representative of the Commanders of the Municipal Guards; and

IV - two representatives of civil society.

Paragraph 1. Each member of the board shall have an alternate, who shall replace him/her in his/her absences and impediments.

Paragraph 2. The members referred to in item II of the heading of this article shall be nominated by the heads of the bodies they represent and appointed by an act of the Minister of State for Justice and Public Security.

Paragraph 3. The full and alternate members provided for in items III and IV of the heading of this article shall be nominated by the National Secretary of Public Security, after consultation with the corresponding institutions, and appointed by an act of the Minister of State for Justice and Public Security.

Paragraph 4. The chairman of the CNMUDF may invite other representatives from public and private bodies and civil society organizations to participate in the meetings, without the right to vote, provided that their knowledge and experience allows them to contribute to the discussion or implementation of the proposals under consideration.

Paragraph 5. The members of the CNMUDF provided for in item IV of the caput will have a term of office of two years, being allowed a consecutive renewal, for the same period.

Article 4. The CNMUDF will meet every six months, on an ordinary basis, and, extraordinarily, whenever necessary, at the call of its chairman.

Paragraph 1. The CNMUDF meeting quorum is an absolute majority of the members, and the voting quorum is a simple majority of those present.

Paragraph 2. Members of the CNMUDF who are located in the Federal District will meet in person, and members who are located in other federative entities will participate in the meeting via videoconference.

Article 5. The CNMUDF may establish working groups to study and propose specific measures.

Sole paragraph. The institution of the working groups referred to in the caput of this article is limited to:

- I - the maximum number of five members;
- II - the maximum period of six months; and
- III - the maximum number of three working groups in simultaneous operation.

Article 6. The Executive Secretariat of the CNMUDF will be exercised by the Directorate of the Unified Public Security System of the National Secretariat of Public Security, which will provide the necessary technical and administrative support for the functioning of its activities.

Article 7. Participation in the CNMUDF and its working groups will be considered relevant, unpaid public service provision.

Article 8. The CNMUDF will be installed within a period of up to sixty days from the publication hereof.

Article 9. This ordinance shall enter into force on the date of its publication.



Published in FEDERAL OFFICIAL GAZETTE No. 12-A of 17 January 2025.

Ordinance No. 648 of 28 May 2024 of the Minister of Justice and Public Security

Establishes guidelines on the use of body-worn cameras by law enforcement agencies.

The Minister of State for Justice and Public Security, in the use of the powers conferred upon him by items I and II, of the sole paragraph, of Article 87 of the Constitution, and in view of the provisions of Articles 3, 7 and 9 of Law No. 13,675 of 11 June 2018, combined with items XVII and XVIII of Article 35 of Law No. 14,600 of 19 June 2023, decides:

CHAPTER I

PRELIMINARY PROVISIONS

Article 1. This ordinance establishes guidelines on the use of body-worn cameras by members of the following law enforcement agencies:

- I - Federal Police;
- II - Federal Highway Police;
- III - Federal Penitentiary Police;
- IV - Military Police of the States and the Federal District;
- V - Military Fire Departments of the States and the Federal District;
- VI - Civil Police of the States and the Federal District;
- VII - Penitentiary Police of the States and the Federal District;

VIII - Criminal Experts of the States and the Federal District; and

IX - Municipal Guards.

Sole paragraph. This ordinance applies also to the National Public Security Force and the National Penitentiary Force.

Article 2. The transfer of funds from the National Public Security Fund and the National Penitentiary Fund for the implementation or expansion of body-worn cameras projects to the law enforcement agencies of the States, the Federal District and the Municipalities is subject to compliance with the guidelines established herein.

Article 3. These guidelines are guided by the following values:

I - respect for fundamental rights and guarantees;

II - promotion of citizenship and dignity of the human person;

III - protection, appreciation and recognition of public security professionals;

IV - differentiated use of force, observing the principles of legality, necessity, proportionality and moderation;

V - respect for privacy and personal integrity of law enforcement officials and the general population;

VI - interfederative and interagency articulation;

VII - transparency, responsibility and accountability; and

VIII - simplicity, procedural economy and speed in the execution of services.

Article 4. The objectives of these guidelines are:

I - qualify the performance of law enforcement officials;

II - increment the protection of rights and guarantees of law enforcement officials and citizens;

III - stimulate the professionalization of law enforcement agencies;

IV - foster innovation processes and modernization of public security actions;

V - standardize procedures for public security professionals regarding the use of body-worn cameras and the management of audiovisual recordings;

VI - qualify the production of material evidence, safeguarding the chain of custody based on audiovisual recordings;

VII - encourage the use of audiovisual records for the training and technical improvement of law enforcement officials;

VIII - promote scientific and technical studies for the proposal, improvement and evaluation of public security policies;

IX - ensure the availability, integrity, confidentiality and authenticity of information collected by audiovisual recording systems;

X - establish mechanisms for monitoring and evaluating body-worn cameras projects; and

XI - encourage the adoption of strategies for active transparency and social participation.

Article 5. For the purposes of this decree, the following definitions apply:

I - body-worn cameras: the portable device that captures audiovisual recordings of interactions with the environment and with other people and that attaches to the uniforms of law enforcement officials;

II - authenticity: the guarantee that the information is genuine and reliable and that it was created, modified or transmitted by a reliable source and that it was not corrupted during the process;

III - availability: the ability to access and use data or systems when needed, while preserving the chain of custody;

IV - pre-event recording (buffer): the feature that enables temporary recording of the audiovisual recording for a pre-determined period, before a specific event or action occurs;

V - hash: the function responsible for converting variable-length input data into a fixed-length output;

VI - information: processed data that can be used for the production and transmission of knowledge, contained in any medium, support or format;

VII - integrity: the quality of information that has not been modified, as to origin, transit and destination;

VIII - log: the chronological informational record of all events or activities that occur in a specific system, application or environment;

IX - metadata: the set of data that describes and makes available information about other data;

X - audiovisual recording: audiovisual information or data that can be used to prove or disprove a fact, event, action, transaction, criminal activity, or any other circumstance in a legal, investigative, regulatory, or compliance context; and

XI - recording management system: the set of tools and processes used to access, store, authenticate, manage and preserve audiovisual recordings in a secure and reliable manner, ensuring their integrity, authenticity and confidentiality.

CHAPTER II

THE OBLIGATIONS

Article 6. The Ministry of Justice and Public Security is responsible for:

I - finance, according to budget availability, body-worn cameras projects that meet these guidelines;

II - Implement, monitor, and evaluate body-worn cameras projects that include standardization of procedures, personnel training, and evaluation of results, among other aspects;

III - offer technical consultancy for the preparation of body-worn cameras projects of law enforcement agencies;

IV - develop reference guides to support the understanding of law enforcement agencies regarding these guidelines and other relevant topics;

V - to develop technical standards specifying cybersecurity, physical and operational security requirements, as well as standards for audiovisual collection, transmission and storage;

VI - to produce supplementary instructions on operational procedures related to body-worn cameras and the differentiated use of force;

VII - make available price registration records for body-worn cameras, as well as for less-lethal weapons, for possible adoption by law enforcement agencies;

VIII - conduct training on body-worn cameras and encourage the differentiated use of force;

IX - encourage awareness-raising actions, discussion and integration of law enforcement agencies with civil society regarding the use of body-worn cameras;

X - promote the dissemination and exchange of best practices on the use of body-worn cameras;

XI - promote research and studies on the evaluation of the results of the use of body-worn cameras and the differentiated use of force; and

XII - encourage social participation in the formulation and monitoring of body-worn cameras projects.

Article 7. It is incumbent upon the law enforcement agencies to:

I - maintain an administrative structure for the management, access and availability of audiovisual records of body-worn cameras, with the designation of responsible authority;

II - Implement, monitor, and evaluate body-worn cameras projects that include standardization of procedures, personnel training, and evaluation of results, among other aspects;

III - adapt its institutional rules, including disciplinary rules, to the use of body-worn cameras, defining inappropriate conduct and respective sanctions;

IV - establish mechanisms for communicating problems related to the operation and use of body-worn cameras;

V - acquire body-worn cameras with own resources, in accordance with its budgetary availability, or with resources from the National Public Security Fund and the National Penitentiary Fund, if available;

VI - prioritize the use of less-lethal weapons by members of law enforcement agencies who use body-worn cameras, in accordance with the provisions of Law No. 13,060 of 22 December 2014, and Interministerial Ordinance of the Ministry of Justice and the Secretariat for Human Rights of the Presidency of the Republic No. 4,226 of 31 December 2010;

VII - provide personal protective equipment in sufficient quantity and adequate quality to members of law enforcement agencies;

VIII - to offer ongoing training and capacity building for the use of body-worn cameras;

IX - to develop research and studies on the evaluation of the results of the use of body-worn cameras and the differentiated use of force; and

X - update the curricular matrices for continuing education and training to include specific content related to the use of body-worn cameras.

CHAPTER III

USE OF EQUIPMENT

Article 8. Law enforcement officials on duty shall use body-worn cameras at least in the following circumstances:

I - in responding to incidents;

II - in activities that require overt action, whether ordinary, extraordinary or specialized;

III - in the identification and verification of assets;

IV - during personal, vehicle or home searches;

V - throughout operational actions, including those involving demonstrations, control of civil disturbances, injunctions or repossessions;

VI - in compliance with orders from police or judicial authorities and court orders;

VII - in external expert reports;

VIII - in inspection and technical audit activities;

IX - in search, rescue and salvage operations;

X - when escorting custodians;

XI - in all interactions between police officers and detainees, inside or outside the prison environment;

XII - during prison routines, including attending to visitors and lawyers;

XIII - in interventions and resolution of crises, riots and rebellions in the prison system;

XIV - in situations of opposition to police action, potential confrontation, or use of physical force;

XV - in traffic accidents; and

XVI - in preventive and overt patrolling or in the execution of routine investigations in which arrests, acts of violence, bodily injuries or deaths occur or may occur.

Paragraph 1. The law enforcement agencies shall regulate the use of body-worn cameras in accordance with the provisions hereof.

Paragraph 2. The use of body-worn cameras in intelligence activities and investigations that may have their efficiency compromised will be subject to specific regulation by law enforcement agencies.

Paragraph 3. The regulation of the use of body-worn cameras by law enforcement agencies must establish an order of priority in case the number of available devices does not meet the needs of all professionals on duty.

Paragraph 4. The classification and storage of audiovisual recordings based on the scenarios outlined in this article will be subject to regulation by law enforcement agencies.

Article 9. Law enforcement agencies shall develop procedures to ensure the proper functioning and correct use of body-worn cameras, in order to guarantee that the equipment is always available and in full working order.

Paragraph 1. body-worn cameras, as well as audiovisual recordings resulting from their use, must be identified by means of a unique numbering system that allows for the identification of law enforcement officials who use them.

Paragraph 2. Whenever technically feasible, it should be possible to locate body-worn cameras in real time.

CHAPTER IV

PROCEDURES

Article 10. Body-worn cameras recording will occur, alternatively or simultaneously, according to the regulations of each law enforcement agency, with the following modalities permitted:

I - by automatic activation, when:

- a) recording begins from the moment the equipment is removed from the base until its return, recording the entire shift; or
- b) the recording is configured to respond to certain actions, events, specific signals or geolocation;

II - by remote activation: when recording is initiated, occasionally, through the system, after a decision by the competent authority or if a specific situation requires the procedure; or

III - by activation of the members of the law enforcement agencies themselves to preserve their intimacy or privacy during breaks and work breaks.

Paragraph 1. Regardless of the mode of activation, all situations provided for in Article 8 of this ordinance must be recorded, especially when the hypothesis of item III, of the caput of this article occurs.

Paragraph 2. Law enforcement agencies should preferably adopt the recording method referred to in subparagraph (a) of item I of the head provision of this article.

Paragraph 3. The regulation will comply with:

I - the legal and institutional peculiarities of the recorded actions;

II - the situations in which the full recording of the actions or only the facts of interest will be mandatory;

III - supervision of conduct, including that related to the recording of equipment removal and return, and instances of equipment not being activated, being switched off, or being activated improperly, as well as the interruption of recording;

IV - the period for preserving records, specifying those responsible for this activity and their respective duties;

V - the possibility of using pre-event recording (buffer);

VI - the technical certification standards for body-worn cameras produced by the National Secretariat of Public Security; and

VII - guaranteeing the privacy and intimacy of law enforcement officials during breaks and work intervals, in accordance with the provisions of Article 8 of this ordinance.

Paragraph 4. The restriction or prohibition of the use of body-worn cameras may only occur in exceptional situations, duly substantiated.

Paragraph 5. Policies, guidelines, and operational procedures related to body-worn cameras must be published and easily accessible in digital format.

CHAPTER V

INTEGRITY OF AUDIOVISUAL RECORDS

Article 11. The recording management system must ensure the validation of data input and output in the system, in order to guarantee the correct and appropriate

processing of the stored content, preserving the traceability and custody of the audiovisual records.

Paragraph 1. The tracking of audiovisual records includes the hash function, event logs, watermark, georeferencing, date, time, and identification of the operator and equipment.

Paragraph 2. The recording management system must be auditable, including tools for identifying accesses, queries, and other forms of handling of audiovisual records.

Paragraph 3. The identification of the user and the respective body-worn cameras in specific files will be ensured by the recording management system.

Article 12. The files originally produced by body-worn cameras cannot be modified; their integrity and traceability must be preserved.

Paragraph 1. Without prejudice to the integrity of the original files, law enforcement agencies, when applicable or necessary, shall regulate the disclosure and sharing of copies of audiovisual records with the concealment of:

I - identifying marks of third parties not involved in the incident;

II - scenes of explicit nudity;

III - situations that violate the right to privacy and intimacy of law enforcement officials; and

IV - other situations that require the protection of fundamental rights.

Paragraph 2. In the cases provided for in the subsections of the Paragraph 1 of this article, the original audiovisual recordings will be preserved in separate copies, accessible as determined by the competent authorities.

Paragraph 3. Upon request from the authorities referred to in item I of Article 19, the audiovisual recordings must be made available in their original format.

Article 13. The regulation of the use of body-worn cameras by law enforcement agencies must guarantee the protection of the chain of custody of traces, clues and factual evidence, as provided for in Decree-Law No. 3,689 of 3 October 1941 (Code of Criminal Procedure).

CHAPTER VI

STORAGE OF AUDIOVISUAL RECORDS

Article 14. The storage of audiovisual recordings from body-worn cameras must comply with the minimum information security requirements for the use of cloud computing solutions established by Normative Instruction No. 5 of 30 August 2021 of the Institutional Security Office of the Presidency of the Republic.

Article 15. The audiovisual records of the body-worn cameras must be stored for at least ninety days.

Paragraph 1. Audiovisual records will be stored for at least one year when they are:

I - linked to a set of evidence that accompanies a police investigation, judicial proceeding, procedure or disciplinary administrative proceeding;

II - classified as being of interest to public safety;

III - related to incidents resulting in death and serious bodily injury;

IV - relating to demonstrations, control of civil disturbances, prohibitions or reinstatements of possession or containment of riots and rebellions;

V - associated with arrests, firearm discharges, or home invasions; or

VI - requested by the authorities listed in item I of article 19.

Paragraph 2. Law enforcement agencies may establish other deadlines or circumstances for the storage of audiovisual records, observing the minimum deadlines stipulated herein.

Article 16. The data storage periods provided for in Article 15 may be extended by judicial or administrative decision.

Article 17. The disposal of audiovisual recordings, even if automated by storage systems, must be traceable, and the maintenance of logs, metadata, and linking markers is mandatory.

CHAPTER VII

ACCESS TO AUDIOVISUAL RECORDS

Article 18. Access to the audiovisual records of body-worn cameras will be made in accordance with Law No. 12,527 of 18 November 2011.

Article 19. Law enforcement agencies shall regulate access to audiovisual records of body-worn cameras:

I - upon request from magistrates, members of the Public Prosecution Office and the Public Defender's Office, police or administrative authorities responsible for formally initiated investigations; and

II - through the request of lawyers regularly constituted of victims, accused or investigated.

Paragraph 1. The regulation referred to in caput must provide for access to information through applications and systems dedicated to this purpose, which will include the applicable security protocols.

Paragraph 2. If the regulation referred to in caput does not exist, the law enforcement agencies must provide the requested or required information within a period not exceeding twenty days, which may be extended, with justification, for a further ten days.

Paragraph 3. The use of audiovisual recordings must comply with the purpose of the access requested or required, under penalty of civil, criminal and administrative liability of the requester or applicant, as provided by law.

Paragraph 4. Law enforcement agencies shall provide real-time access to audiovisual recordings to institutions within the criminal justice system.

Article 20. Members of law enforcement agencies may request access to audiovisual recordings from body-worn cameras when they participated in the recorded events.

Article 21. Without prejudice to the provisions of Article 12 hereof, the disclosure and sharing of audiovisual records may not compromise:

I - the right to the image of those involved, particularly in situations that cause them embarrassment or subject them to humiliating situations;

II - expert examinations in progress;

III - the confidentiality of investigations, procedures or administrative or judicial processes that are classified as confidential, including those that are processed within the police sphere;

IV - the protection of children or adolescents involved in infractions; and

V - the rules of ethics in research, development, innovation, technology and professional improvement.

CHAPTER VIII

FINAL PROVISIONS

Article 22. The provisions of this regulation shall apply, where technically feasible, to vehicle cameras used by law enforcement agencies.

Article 23. Cases not provided for herein shall be resolved by the Minister of State for Justice and Public Security.

Article 24. This ordinance shall enter into force on the date of its publication.



Published in the FEDERAL OFFICIAL GAZETTE of 28 May 2024,
Section 1, Page 1, Extra Issue.

Ley n.º 13.060, de 22 de diciembre de 2014

Regula el uso de armas menos letales por los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en todo el territorio nacional.

La Presidenta de la República hago saber que el Congreso Nacional decreta y yo sanciono la siguiente Ley:

Art. 1º Esta Ley regula el uso de armas menos letales por los agentes de seguridad pública en todo el territorio nacional.

Art. 2º Las fuerzas de seguridad pública deberán priorizar la utilización de las armas menos letales, siempre que su uso no ponga en riesgo la integridad física o psíquica de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o de terceros, y deberán observar los siguientes principios:

- I - legalidad;
- II - necesidad;
- III - razonabilidad y proporcionalidad.

Párrafo único. No es legítimo el uso de arma de fuego:

I - contra la persona en fuga que esté desarmada o que no suponga riesgo inmediato de muerte o lesión a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o terceros; y

II - contra vehículos que eludan un retén policial en la vía pública, salvo cuando dicho acto represente un peligro de muerte o de lesiones para los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o para terceros.

Art. 3° Los cursos de formación y capacitación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley deberán incluir contenido programático que les permita valerse de armas menos letales.

Art. 4° A efectos de esta Ley, se consideran armas menos letales aquellas diseñadas específicamente para contener, debilitar o incapacitar a personas temporalmente, con baja probabilidad de causar muertes o lesiones permanentes.

Art. 5° Los poderes públicos tienen el deber de suministrar a todos los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley armas menos letales para el uso racional de la fuerza.

Art. 6° Siempre que del uso de la fuerza ejercitado por los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley dimanen lesiones en personas, deberá garantizarse la prestación de asistencia y auxilio médico a los heridos, así como la comunicación del incidente a la familia o a la persona que indiquen.

Art. 7° El Poder Ejecutivo dictará un reglamento que clasificará y regulará la utilización de las armas menos letales.

Art. 8° Esta Ley entrará en vigor en la fecha de su publicación.



Brasilia, 22 de diciembre de 2014;

193° de la Independencia y 126° de la República.

Publicado en el Diario Oficial de la Unión (DOU) el 23 de diciembre de 2014

Decreto n.º 12.341, de 23 de diciembre de 2024

Reglamenta la Ley n.º 13.060, de 22 de diciembre de 2014, que regula el uso de la fuerza y de las armas menos letales por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

El Presidente de la República, en uso de las atribuciones que le confiere el artículo 84, *caput*, incisos IV y VI, apartado “a”), de la Constitución, y teniendo en cuenta lo dispuesto en la Ley n.º 13.060, de 22 de diciembre de 2014, así como en los artículos 3.º, 4.º, *caput*, inciso IX, 5.º, *caput*, incisos IV y XI, y 7.º de la Ley n.º 13.675, de 11 de junio de 2018,

decreta:

CAPÍTULO I

DISPOSICIONES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regula el empleo de la fuerza y de las armas menos letales por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley, con el fin de promover la eficiencia, la transparencia, la valoración de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley y el respeto por los derechos humanos.

Párrafo único. La clasificación de las armas menos letales obedecerá las disposiciones consignadas en el artículo 23 de la Ley n.º 10.826 de 22 de diciembre de 2003, en los los artículos 4º y 7º de la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en el Decreto n.º 10.030 de 30 de septiembre de 2019.

Art. 2º Son principios generales del uso de la fuerza en seguridad pública:

I – La legalidad;

II – La precaución;

III – La necesidad;

IV – La proporcionalidad;

V – La razonabilidad;

VI – La responsabilización; y

VII – La no discriminación.

Párrafo único. El uso de la fuerza en seguridad pública deberá observar las siguientes directrices generales:

I – el uso de la fuerza y de armas de letalidad reducida solamente podrá ocurrir para la consecución de un objetivo legal y en los límites estrictos de la ley;

II – las operaciones y las acciones de aplicación de la ley deben ser planificadas y ejecutadas mediante la adopción de todas las medidas necesarias para prevenir o minimizar el uso de la fuerza y para mitigar la gravedad de cualquier daño directo o indirecto que pueda ser causado a cualesquiera personas;

III – un recurso de fuerza solamente podrá ser empleado cuando otros recursos de menor intensidad no sean suficientes para alcanzar los objetivos legales pretendidos;

IV – el nivel de fuerza utilizado debe ser compatible con la gravedad de la amenaza supuesta por la conducta de las personas involucradas y los objetivos legítimos de la acción del funcionario encargado de hacer cumplir la ley;

V – la fuerza debe ser empleada con sentido común, prudencia y equilibrio, según las circunstancias del caso concreto, con miras a alcanzar un objetivo legítimo de aplicación de la ley;

VI – los organismos y los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley deben asumir la responsabilidad del uso inadecuado de la fuerza tras la conclusión de un procedimiento de investigación, respetándose el debido proceso legal y el derecho de defensa en juicio;

VII – los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley deben actuar de forma no discriminatoria, sin prejuicios de raza, etnia, color, género, orientación sexual, idioma, religión, nacionalidad, origen social, discapacidad, situación económica, opinión política o de otra naturaleza.

CAPÍTULO II

USO DIFERENCIADO DE LA FUERZA

Art. 3° La fuerza deberá ser utilizada de forma diferenciada, con la selección adecuada del nivel que emplear, como respuesta a una amenaza real o potencial, con miras a minimizar el uso de medios que puedan causar agravios, lesiones o muertes.

§ 1° Los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley deberán priorizar la comunicación, la negociación y el empleo de técnicas que impidan la escalada de la violencia.

§ 2° El uso de armas de fuego será una medida de último recurso.

§ 3° No es legítimo el uso de armas de fuego contra:

I – una persona en fuga que esté desarmada o que no suponga riesgo inmediato de muerte o lesión a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o a terceros; y

II – un vehículo que incumpla un control policial en vía pública, salvo cuando el acto suponga riesgo de muerte o lesión a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o a terceros.

§ 4° El empleo de armas de fuego o armas de letalidad reducida deberá ser restringido a los profesionales debidamente habilitados a utilizarlas.

§ 5° Siempre que el uso de la fuerza dé lugar a lesión o muerte, se deberá preparar un informe detallado, de conformidad con los parámetros establecidos en el acto del Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública de Brasil.

CAPÍTULO III

CAPACITACIÓN

Art. 4° En la capacitación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en el uso de la fuerza, las fuerzas de seguridad deberán observar las siguientes directrices:

I – obligatoriedad y periodicidad anual de la capacitación en el uso de la fuerza;

II – realización de la capacitación en horas de trabajo; y

III – adopción de contenido que trate de procedimientos relativos al empleo adecuado de diferentes tipos de armas de fuego y de armas de letalidad reducida.

Párrafo único. El plan de estudios nacional de que trata la Ley n.º 13.675 de 11 de junio de 2018 deberá ser actualizada para adecuarse a las disposiciones consignadas en la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en este Decreto.

CAPÍTULO IV

IMPLEMENTACIÓN

Art. 5º Para la implementación de las disposiciones consignadas en la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en este Decreto, le compete al Ministerio de Justicia y Seguridad Pública de Brasil:

I – financiar, según la disponibilidad presupuestaria, acciones que traten de implementar las disposiciones consignadas en la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en este Decreto;

II – formular, implementar, monitorear y evaluar acciones relacionadas con el uso de la fuerza que incluyan diagnósticos, estandarización de procedimientos, doctrina, capacitación y adquisición de equipos, entre otros aspectos;

III – brindar asesoramiento técnico especializado para acciones relacionadas con el uso de la fuerza por parte de los organismos encargados de hacer cumplir la ley;

IV – desarrollar, con la participación de los organismos encargados de hacer cumplir la ley, materiales de referencia para apoyar la implementación de las disposiciones recogidas en la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en este Decreto, especialmente en cuanto:

a) al uso de esposas;

b) a requisas personales y allanamientos de domicilio; y

c) a la actuación en entornos carcelarios.

V – proporcionar actas de registro de precios para la adquisición de armas de fuego, armas de letalidad reducida y equipos de protección personal para la eventual adhesión de los organismos encargados de hacer cumplir la ley;

VI – realizar acciones de capacitación referentes al uso de la fuerza;

VII – incentivar acciones de concientización, discusión e integración de los organismos encargados de hacer cumplir la ley con la sociedad civil respecto del uso de la fuerza;

VIII – promover la difusión y el intercambio de buenas prácticas sobre el uso de la fuerza;

IX – fomentar investigaciones y estudios, con énfasis en la evaluación de impacto, sobre el uso de la fuerza;

X – establecer acciones para la reducción de la victimización de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley y de la letalidad policial;

XI – consolidar y publicar datos nacionales relativos al uso de la fuerza por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley; y

XII – desarrollar medidas para informar a la ciudadanía sobre las políticas de uso de la fuerza y cómo denunciar conductas inadecuadas en las acciones de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

Art. 6º Para la implementación de las disposiciones consignadas en la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en este Decreto, los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberán observar las siguientes directrices:

I – preparación y actualización de actos normativos que rijan el uso diferenciado de la fuerza, incluso de armas menos letales;

II – registro y publicación de datos sobre el uso de la fuerza;

III – suministro de equipo de protección personal y, como mínimo, dos armas menos letales a todos los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en activo;

IV – creación de programas continuos de atención a la salud mental de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley que se involucren en incidentes de alto riesgo;

II – implementación, monitoreo y evaluación de acciones relacionadas con el uso diferenciado de la fuerza que incluyan diagnósticos, estandarización de procedimientos y adquisiciones, entre otros aspectos;

VI – implantación de acciones para la reducción de la victimización de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley y de la letalidad policial;

VII – capacitación en el uso diferenciado de la fuerza;

VIII – fomento de investigaciones y estudios sobre el uso de la fuerza, con énfasis en la evaluación de su impacto;

IX – normalización e inspección de la identificación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley a fin de posibilitar la individualización de sus acciones durante las horas de trabajo; y

X – normalización de la actuación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en situaciones que conlleven la gestión de crisis, la requisita personal, el allanamiento de domicilio, el uso de esposas y las medidas que adoptar en los casos en que el uso de la fuerza dé lugar a lesión corporal o muerte.

CAPÍTULO V

MECANISMOS DE CONTROL Y MONITOREO

Art. 7º Son directrices para la actuación de los mecanismos de inspección y control interno de los organismos encargados de hacer cumplir la ley en la supervisión del uso de la fuerza:

I – garantía de la transparencia y del acceso público a datos e informaciones sobre el uso de la fuerza;

II – puesta a disposición de canales de denuncia y orientaciones de registro y seguimiento de quejas sobre el uso de la fuerza, en los medios de comunicación oficiales, de forma clara y accesible;

III – garantía de la tramitación eficaz y transparente de las quejas sobre el uso de la fuerza; y

IV – fortalecimiento de la actuación de las auditorías de asuntos internos y las defensorías de los organismos encargados de hacer cumplir la ley.

Párrafo único. A efectos de las disposiciones consignadas en el art. 5º, parte principal, apartado XI, los incidentes relacionados con el uso de la fuerza serán formalmente registrados por los organismos encargados de hacer cumplir la ley, según los parámetros establecidos en acto del Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública de Brasil, cuando:

I – den lugar a lesión corporal o muerte; o

II – conlleven el uso de armas de fuego o armas menos letales en entornos carcelarios.

Art. 8° Acto del Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública instituirá el Comité Nacional de Monitoreo del Uso de la Fuerza (CNMUDF) con la finalidad de monitorear y evaluar la implementación de las políticas relativas al uso de la fuerza de que trata este Decreto.

§ 1° El acto de que trata el *caput*:

I – Se ocupará de:

- a) la composición del órgano colegiado que garantice la participación de la sociedad civil;
- b) sus competencias; y
- c) su forma de funcionamiento;

II – observará las disposiciones consignadas en el capítulo VI del Decreto n.º 12.002 de 22 de abril de 2024; y

III – estipulará, entre las finalidades del comité:

- a) la generación de informes que contengan análisis y orientaciones sobre temas relacionados con este Decreto;
- b) el seguimiento de la implementación del Plan Nacional de Seguridad Pública con relación a la reducción de la letalidad policial y la victimización de funcionarios encargados de hacer cumplir la ley;
- c) el planteamiento de indicadores de monitoreo y evaluación del uso de la fuerza;
- d) el estímulo a la producción y la difusión de conocimientos técnico-científicos relacionados con el uso de la fuerza;
- e) la preparación de orientaciones para programas y acciones relacionados con el uso de la fuerza; y
- f) la articulación con los comités estatales y distritales sobre el uso de la fuerza para promover el intercambio de informaciones y experiencias y la reducción de la letalidad policial y de la victimización de funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

§ 2° Los estados, el Distrito Federal y los municipios, cuando instituyan comités de monitoreo del uso de la fuerza, observarán las mismas finalidades estipuladas para el comité de que trata el enunciado, con la garantía, según corresponda, de la participación de representantes de la sociedad civil.

CAPÍTULO VI

DISPOSICIONES FINALES

Art. 9º La asignación de fondos del Fondo Nacional de Seguridad Pública y del Fondo Penitenciario Nacional a acciones que impliquen el uso de la fuerza por parte de los organismos encargados de hacer cumplir la ley de los estados, del Distrito Federal y de los municipios está condicionada al cumplimiento de las disposiciones recogidas en la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en este Decreto.

Art. 10 El Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública de Brasil editará las normas complementarias necesarias para la ejecución de las disposiciones recogidas en este Decreto.

Art. 11 Este Decreto entrará en vigor en la fecha de su publicación.



Brasilia, 23 de diciembre de 2024;

203º de la Independencia y 136º de la República.

Publicado en el Diario Oficial de la Unión (DOU) el 24 de diciembre de

Resolución del Ministro de Justicia y Seguridad Pública n.º 855, de 17 de enero de 2025

Reglamenta el Decreto n.º 12.341 de 23 de diciembre de 2024 y establece directrices sobre el uso de la fuerza por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

El Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública, en uso de las facultades que le confiere el artículo 87, párrafo único, incisos I y II, de la Constitución, teniendo en cuenta las disposiciones recogidas en los artículos 1º, 2º y 7º de la Ley n.º 13.060 de 22 de diciembre de 2014 y en el artículo 10 del Decreto n.º 12.341 de 23 de diciembre de 2024 y lo que consta en el procedimiento administrativo n.º 08020.007623/2024-62, resuelve:

CAPÍTULO I

GENERALIDADES

Art. 1º Establecer normas que complementen el Decreto n.º 12.341 de 23 de diciembre de 2024, que rige el uso de la fuerza y de armas menos letales por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley, con el fin de promover una mayor eficiencia, transparencia y valorización de sus actividades.

Párrafo único. Son objetivos de esta Resolución:

I – garantizar la correcta utilización de la fuerza en las acciones de seguridad;

II – incrementar la profesionalización y la capacitación de los miembros de los órganos encargados de hacer cumplir la ley;

III – estimular la edición, por parte de los distintos órganos encargados de hacer cumplir la ley, de actos normativos que regulen el uso de la fuerza en el ámbito de las respectivas competencias;

IV – fomentar la producción de datos y análisis sobre el uso de la fuerza;

V – incentivar la ampliación de la supervisión y la inspección del uso de la fuerza en las acciones de seguridad pública, especialmente a través de las auditorías de asuntos internos y las defensorías de la policía; y

VI – alentar la adopción de armas menos letales.

Art. 2º Esta Resolución atañe a:

I – La Policía Federal;

II – La Policía Rodoviaria Federal;

III – La Policía Penitenciaria Federal;

IV – La Fuerza Nacional de Seguridad Pública; y

V – La Fuerza Penitenciaria Nacional.

Art. 3º Lo dispuesto en la presente Resolución será observado por los órganos encargados de hacer cumplir la ley estatales, distritales y municipales en las iniciativas que involucren recursos provenientes del Fondo Nacional de Seguridad Pública y del Fondo Penitenciario Nacional para proyectos, acciones y objetos relacionados con el uso de la fuerza, incluyendo transferencias y donaciones.

Art. 4º Son principios generales del uso de la fuerza en seguridad pública:

I – la legalidad;

II – la precaución;

III – la necesidad;

IV – la proporcionalidad;

V – la razonabilidad;

VI – la responsabilización; y

VII – la no discriminación.

Art. 5° A efectos de esta Resolución, se considera:

I – acciones de uso de la fuerza en seguridad pública: actividades realizadas por sus profesionales con el objetivo de impedir, reprimir o investigar vulneraciones del ordenamiento vigente;

II – fuerza: intervención coercitiva impuesta a una persona o grupo de personas por los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley con la finalidad de mantener el orden público, la incolumidad física y el patrimonio de la gente;

III – armas menos letales: artefactos diseñados específicamente para minimizar los riesgos de causar muertes o lesiones permanentes;

IV – armas menos letales de aturdimiento: artefactos capaces de reducir temporalmente la capacidad de reacción de las personas, disminuyendo su energía, vigor o determinación;

V – armas menos letales de incapacitación: artefactos que actúan directamente en el sistema nervioso, provocando reacciones involuntarias en el organismo de las personas, haciendo que pierdan el control de sus actos;

VI – técnicas de desescalada: procedimientos, tácticas o estrategias utilizadas con el objetivo de reducir la intensidad de un enfrentamiento o de una situación en que pueda haber violencia, minimizando el uso de la fuerza; y

VII – uso diferenciado de la fuerza: selección adecuada del nivel de fuerza que emplear, como respuesta a una amenaza real o potencial, con miras a minimizar el uso de medios que puedan causar agravios, lesiones o muertes.

Art. 6° El uso de la fuerza en seguridad pública deberá observar las siguientes directrices generales:

I – el uso de la fuerza y de armas menos letales solamente podrá ocurrir para la consecución de un objetivo legal y en los límites estrictos de la ley;

II – las operaciones y las acciones de aplicación de la ley deben ser planificadas y ejecutadas mediante la adopción de todas las medidas necesarias para prevenir o minimizar el uso de la fuerza y para mitigar la gravedad de cualquier daño directo o indirecto que pueda ser causado a cualesquiera personas;

III – un recurso de fuerza solamente podrá ser empleado cuando otros recursos de menor intensidad no sean suficientes para alcanzar los objetivos legales pretendidos;

IV – el nivel de fuerza utilizado debe ser compatible con la gravedad de la amenaza supuesta por la conducta de las personas involucradas y los objetivos legítimos de la acción del funcionario encargado de hacer cumplir la ley;

V – la fuerza debe ser empleada con sentido común, prudencia y equilibrio, según las circunstancias del caso concreto, con miras a alcanzar un objetivo legítimo de aplicación de la ley;

VI – los organismos y los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley deben asumir la responsabilidad del uso inadecuado de la fuerza tras la conclusión de un procedimiento de investigación, respetándose el debido proceso legal y el derecho de defensa en juicio;

VII – los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley deben actuar de forma no discriminatoria, sin prejuicios de raza, etnia, color, género, orientación sexual, idioma, religión, nacionalidad, origen social, discapacidad, situación económica, opinión política o de otra naturaleza.

CAPÍTULO II

CIRCUNSTANCIAS DE USO DIFERENCIADO DE LA FUERZA

Sección I

Uso diferenciado de la fuerza

Art. 7º La fuerza deberá ser utilizada de forma diferenciada, con la selección adecuada del nivel que emplear, como respuesta a una amenaza real o potencial, con miras a minimizar el uso de medios que puedan causar agravios, lesiones o muertes.

Párrafo único. Los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley priorizarán la comunicación, la negociación y el empleo de técnicas que impidan la escalada de la violencia.

Sección II

Uso de armas de fuego

Art. 8º El uso de armas de fuego será una medida de último recurso.

§ 1º No es legítimo el uso de un arma de fuego contra:

I – una persona en fuga que esté desarmada o que no suponga riesgo inmediato de muerte o lesión a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o a terceros; o

II – un vehículo que incumpla un control policial en vía pública, salvo cuando el acto suponga riesgo de muerte o lesión a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o a terceros.

§ 2º El uso de armas de fuego por parte de funcionarios encargados de hacer cumplir la ley a bordo de una aeronave durante operaciones solamente será permitido en casos de estricta necesidad para la defensa legítima de los tripulantes, los equipos terrestres y la ciudadanía.

§ 3º El uso de armas de fuego será restringido a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley debidamente habilitados.

Art. 9º En la reglamentación del uso de armas de fuego, los organismos encargados de hacer cumplir la ley, de conformidad con las respectivas atribuciones institucionales, deberán observar:

- I – las circunstancias adecuadas para su utilización, manejo y guardia;
- II – las peculiaridades técnicas, operacionales y jurídicas de sus actividades;
- III – el registro y el control de su uso, incluso de los respectivos accesorios y municiones, especialmente cuando se hagan disparos;
- IV – las normas técnicas preparadas por la Secretaría Nacional de Seguridad Pública del Ministerio de Justicia y Seguridad Pública de Brasil;
- V – el desarrollo de programas de capacitación, incluso con la utilización de equipos virtuales que simulen situaciones reales, sin perjuicio de ejercicios prácticos de tiro;
- VI – el establecimiento de protocolos operacionales;
- VII – las instancias de supervisión y sus responsabilidades, incluso en cuanto al monitoreo de los incidentes conforme a lo establecido en el artículo 26; y
- VIII – la periodicidad de realización de la evaluación psicológica de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

Art. 10 Los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley no deberán:

- I – utilizar un arma de fuego:
 - I – contra una persona en fuga que esté desarmada o que no suponga riesgo inmediato de muerte o lesión a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o a terceros; o

II – contra un vehículo que incumpla una orden de paro o un control policial en vía pública, salvo cuando el acto suponga riesgo de muerte o lesión a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o a terceros.

II – apuntar un arma de fuego hacia personas durante los procedimientos de intervención como práctica rutinaria e indiscriminada; y

III – disparar al azar o a título de advertencia.

Párrafo único. El uso de arma de fuego en entornos carcelarios será restringido a situaciones de amenaza grave e inminente a la vida o la integridad física de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley o de terceros. No se lo recomienda durante rutinas de traslado de prisioneros, salvo en circunstancias excepcionales, debidamente autorizadas y justificadas por la autoridad competente.

Art. 11 La renovación de la habilitación para el uso de armas de fuego en servicio deberá realizarse cada tres años, previa aprobación en los exámenes técnicos y psicológicos competentes. (Redacción dada por la Resolución MJSP N.º 1.121, de 6 de enero de 2026)

Sección III

Uso de armas menos letales

Art. 12 En la reglamentación del uso de armas menos letales, los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberán observar:

I – las circunstancias adecuadas para su utilización, manejo y guardia;

II – las peculiaridades técnicas, operacionales y jurídicas de sus actividades;

III – las situaciones en que el uso de armas menos letales será recomendado en detrimento de otros equipos;

IV – la necesidad de registro y control de las armas menos letales;

IV – las normas técnicas de la Secretaría Nacional de Seguridad Pública del Ministerio de Justicia y Seguridad Pública de Brasil;

VI – el establecimiento de protocolos operacionales; y

VII – las instancias de supervisión y sus responsabilidades, incluso en cuanto al monitoreo de los incidentes conforme a lo establecido en el artículo 26.

§ 1º El uso de técnicas y armas menos letales será restringido a los profesionales debidamente habilitados y debe ser priorizado, siempre que sea posible y operacionalmente adecuado, no estando restringido a unidades especializadas.

§ 2º La capacitación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en la utilización de armas de letalidad reducida deberá realizarse, preferiblemente, cada año y de forma presencial.

Art. 13 Los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberán brindar a sus profesionales activos, individualmente, como mínimo:

- I – un arma menos letal específica de aturdimiento;
- II – un arma menos letal específica de incapacitación; y
- III – equipos de protección personal necesarios para su actuación, con independencia de la portación o no portación de arma de fuego.

Párrafo único. Las armas menos letales y los equipos de protección deberán estar en buenas condiciones y dentro del plazo de caducidad.

Sección IV

Gestión de crisis

Art. 14 En la reglamentación de las situaciones que impliquen la gestión de crisis, los órganos encargados de hacer cumplir la ley deberán observar los siguientes parámetros:

- I – planificar estratégicamente las operaciones, considerando los varios escenarios, las informaciones de inteligencia y análisis de riesgos, para minimizar o mitigar los daños y el uso inadecuado de la fuerza;
- II – Documentar los procedimientos, preferentemente mediante cámaras corporales, de conformidad con la Resolución MJSP n.º 648, de 28 de mayo de 2024;
- III – monitorear y supervisar continuamente las operaciones, realizando ajustes tácticos en tiempo real para garantizar la legalidad y la eficacia de la intervención; y
- IV – registrar y justificar las acciones y las decisiones tomadas durante las operaciones.

Art. 15 Los órganos encargados de hacer cumplir la ley deberán contar con una estructura técnica para realizar la gestión de crisis con miras a identificar y prevenir, anticipadamente, posibles problemas operacionales a fin de aplicar los fondos necesarios para mejor solucionarlos.

Párrafo único. El uso de alternativas tácticas en la gestión de crisis considerará:

I – la negociación como la principal alternativa; y

II – la necesidad y la medición del riesgo de la adopción de medidas de uso diferenciado de la fuerza.

Sección V

Registro personal y de domicilios

Art. 16 La reglamentación de los registros personales por parte de los órganos encargados de hacer cumplir la ley observará los siguientes parámetros:

I – informar a las personas sometidas a la medida las razones que la motivaron, explicándoles sus derechos de forma clara y comprensible;

II – establecer que el procedimiento sea lo menos invasivo posible para minimizar incomodidades;

III – limitar a lo mínimo necesario el uso de la fuerza, que deberá ser proporcional a la resistencia presentada por la persona;

IV – registrar la identidad de la persona requisada y las razones para la realización del procedimiento; y

V – documentar los procedimientos, preferentemente por medio de cámaras corporales de acuerdo con la Resolución MJSP n.º 648 de 28 de mayo de 2024.

§ 1º Excepcionalmente, el registro individualizado podrá dejar de realizarse, de forma justificada, en situaciones de control de multitudes, en el seguimiento de eventos en los que la cantidad de personas imposibilite su ejecución, o cuando las condiciones de riesgo operacional hagan inviable la documentación del procedimiento. (Redacción dada por la Resolución MJSP N.º 1.121, de 6 de enero de 2026).

§ 2º La intervención fundada en sospecha constituye una medida excepcional que solamente se justifica en situaciones en que se verifiquen indicios de portación de armas o de otros objetos ilícitos o peligrosos.

Art. 17 La reglamentación de los registros de domicilios deberá observar los siguientes parámetros:

I – informar a la persona las razones de la medida, explicándole sus derechos de forma clara y comprensible;

II – minimizar cualquier daño a la persona o a la propiedad, garantizando que el procedimiento sea lo menos invasivo posible;

- III – limitar a lo mínimo necesario el uso de la fuerza;
- IV – registrar la identidad de las personas objeto de la medida y la de los demás residentes o presentes, así como las razones que la motivaron;
- V – obtener y registrar el consentimiento del residente, en el supuesto de inexistencia de orden judicial, que deberá ser voluntario y libre de cualquier coerción o coacción, salvo en caso de delito flagrante;
- VI – adoptar medidas disciplinarias en los supuestos en que el profesional vulnere los límites legales de actuación o practique conductas discriminatorias;
- VII – promover acciones de concientización de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley para que observen la imparcialidad y la legalidad y eviten conductas abusivas o prejuiciosas; y
- VIII – documentar los procedimientos, preferiblemente a través de cámaras corporales, de conformidad con la Resolución MJSP n.º 648 de 28 de mayo de 2024.

Sección VI

Uso de esposas

Art. 18 El uso de esposas siempre será excepcional, debiendo observar los siguientes presupuestos, sin perjuicio de las disposiciones recogidas en el Enunciado Vinculante n.º 11 del Supremo Tribunal Federal:

- I – resistencia a un orden legal;
- II – temor fundado de fuga del prisionero; y
- III – peligro para la integridad física propia o ajena.

Párrafo único. Se justificará la excepcionalidad por escrito en un registro del hecho o en un informe operacional.

Art. 19 En la reglamentación del uso de esposas, los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberán observar los siguientes parámetros:

- I – respetar los criterios establecidos en el artículo 18;
- II – considerar las peculiaridades técnicas, las competencias constitucionales y las actividades de cada organismos de seguridad pública en el uso de esposas;
- III – adoptar procedimientos operacionales que garanticen la seguridad del funcionario encargado de hacer cumplir la ley y que respeten los derechos fundamentales de la persona intervenida;

IV – establecer criterios que apoyen a los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en la identificación de situaciones de uso de esposas; y

V – documentar los procedimientos, preferentemente por medio de cámaras corporales de acuerdo con la Resolución MJSP n.º 648 de 28 de mayo de 2024.

Sección VII

Lesión o muerte a consecuencia del uso de la fuerza

Art. 20 Cuando el uso de la fuerza dé lugar a lesión o muerte, los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley deberán:

I – facilitar la prestación de auxilio o asistencia médica a los heridos;

II – garantizar la preservación del lugar de los hechos;

III – solicitar la presencia de la policía judicial y de expertos forenses para el registro técnico de los hechos;

IV – comunicar el incidente a los familiares, amigos o conocidos de la persona herida o muerta;

V – preparar un informe detallado con las informaciones de que trata el artículo 26 de esta Resolución; e

VI – informar los sucesos, de modo fiel y detallado, a las auditorías de asuntos internos o los organismos equivalentes para aportar a la aclaración de los hechos.

§ 1º Los incidentes que den lugar a muerte o lesión corporal serán inmediatamente comunicados al Ministerio Público.

§ 2º Los organismos encargados de hacer cumplir la ley mantendrán un equipo técnico permanente para el estudio de los incidentes relacionados con lesiones corporales y muertes.

CAPÍTULO III

MECANISMOS DE CONTROL Y MONITOREO

Art. 21 Los organismos encargados de hacer cumplir la ley mantendrán auditorías de asuntos internos, que contarán con autonomía en el ejercicio de sus competencias, compitiéndoles la investigación de la responsabilidad

funcional de los profesionales que los integran a través de procedimientos administrativos disciplinarios.

Art. 22 En los términos del artículo 34 de la Ley N° 13.675, de 11 de junio de 2018, deberán instituirse órganos de defensoría dotados de autonomía e independencia en el ejercicio de sus atribuciones.

Párrafo único. A las defensorías les competarán el recibo y el tratamiento de quejas, elogios y sugerencias de cualquier persona sobre las acciones y las actividades de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley, debiendo reenviarlos al organismo competente para tomar medidas legales y responder al solicitante.

Art. 23 Son directrices para la actuación de los mecanismos de inspección y control interno de los organismos encargados de hacer cumplir la ley en la supervisión del uso de la fuerza:

I – garantía de la transparencia y del acceso público a datos e informaciones sobre el uso de la fuerza;

II – puesta a disposición de canales de denuncia y orientaciones de registro y seguimiento de quejas sobre el uso de la fuerza, en los medios de comunicación oficiales, de forma clara y accesible;

III – garantía de la tramitación eficaz y transparente de las quejas sobre el uso de la fuerza; y

IV – fortalecimiento de la actuación de las auditorías de asuntos internos y las defensorías de los organismos encargados de hacer cumplir la ley.

Art. 24 Los incidentes relacionados con el uso de la fuerza serán formalmente registrados por los organismos encargados de hacer cumplir la ley cuando:

I – den lugar a lesión corporal o muerte; o

II – involucren el uso de armas de fuego o armas menos letales en entornos carcelarios.

Párrafo único. Los actos de la Secretaría Nacional de Seguridad Pública y de la Secretaría Nacional de Políticas Penales de Brasil reglamentarán los registros de que tratan, respectivamente, los apartados I y II de la parte principal de este artículo.

Art. 25 Los órganos encargados de hacer cumplir la ley deberán producir y publicar datos relativos al número:

- I – de funcionarios encargados de hacer cumplir la ley muertos y heridos durante o fuera de servicio;
- II – de personas muertas y heridas a consecuencia de la actuación de seguridad pública durante o fuera de servicio;
- III – de denuncias recibidas, investigaciones realizadas y sanciones aplicadas en razón de incidentes con lesiones corporales o muertes.

Art. 26 Los órganos encargados de hacer cumplir la ley deberán mantener un registro de incidentes relacionados con el uso de la fuerza que den lugar a lesiones corporales o muertes, que contendrá, como mínimo, los siguientes datos o informaciones:

- I – fecha, hora y lugar del evento;
- II – identificación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley, las víctimas y los testigos, en su caso;
- III – descripción pormenorizada de los equipos utilizados, con datos sobre el tipo, el modelo y el número de serie;
- IV – indicación de las características físicas y sociales de las víctimas;
- V – medidas adoptadas antes de los disparos o del uso de armas menos letales;
- VI – descripción de las circunstancias, justificaciones y consecuencias relacionadas con el evento y el nivel de fuerza empleada;
- VII – tipo de arma y munición, cantidad y distancia aproximada de los disparos efectuados;
- VIII – cantidad de personas victimadas durante la acción;
- IX – acciones realizadas para facilitar la asistencia médica, de ser necesario; y
- X – procedimientos de preservación del lugar del incidente.

§ 1º En caso de imposibilidad de registro de cualquiera de los datos arriba, los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley involucrados deberán presentar una justificación pormenorizada.

§ 2º Todas las situaciones que conlleven el uso de armas de fuego o de armas menos letales en entornos carcelarios, con independencia del resultado, deberán ser documentadas.

Art. 27 El Sistema Nacional de Informaciones de Seguridad Pública, Prisiones, Trazabilidad de Armas y Municiones, Material Genético, Digitales y Drogas (SINESP) deberá ofrecer, en su plataforma, herramientas que posibiliten el

registro de las circunstancias relacionadas con el uso de la fuerza por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

CAPÍTULO IV

CAPACITACIÓN

Art. 28 Los órganos encargados de hacer cumplir la ley deberán garantizar los fondos adecuados para la capacitación de sus profesionales, así como reglamentar:

- I – el plan de estudios que contenga una asignatura específica sobre el uso de la fuerza, incluso contenidos relacionados con armas de letalidad reducida;
- II – la actualización de los programas, según las buenas prácticas y las nuevas tecnologías disponibles;
- III – la periodicidad de los cursos;
- IV – los mecanismos de participación de los profesionales de seguridad pública en la evaluación de los cursos;
- V – la actualización pedagógica de los docentes sobre el uso de la fuerza; y
- VI – el contenido y la carga horaria mínima para la habilitación y la actualización relativas al uso de cada tipo de arma de fuego y arma menos letal.

§ 1º La selección de los docentes satisfará los siguientes requisitos:

- I – comprobación de conocimientos teóricos y prácticos;
- II – análisis de currículo formal, atribuyéndose más peso a las actividades de docencia;
- III – experiencia profesional en actividades de docencia; y
- IV – análisis de los antecedentes de servicio.

§ 2º La matriz curricular nacional a la que se refiere la Ley N.º 13.675, de 2018, deberá ser actualizada según los dictámenes de la Ley N.º 13.060, de 22 de diciembre de 2014, del Decreto N.º 12.341, de 2024, y de la presente Resolución.

CAPÍTULO V

DISPOSICIONES FINALES

Art. 29 La Secretaría Nacional de Seguridad Pública y la Secretaría Nacional de Políticas Penales de Brasil adoptarán, en el marco de sus competencias y en apoyo a las entidades federativas, acciones con miras a certificar, prospectar, adquirir y contratar los equipos y los servicios necesarios para la implementación de acciones y proyectos relacionados con el uso de la fuerza.

Art. 30 La Policía Federal, la Policía Rodoviaria Federal, la Policía Penitenciaria Federal, la Fuerza Nacional de Seguridad Pública y la Fuerza Penitenciaria Nacional deberán:

I – instituir una comisión responsable de evaluar la situación interna con relación a esta Resolución y proponer medidas para garantizar las adecuaciones necesarias, en el plazo de sesenta días;

II – establecer normas que complementen esta Resolución en el plazo de ciento veinte días; y

III – adecuar sus procedimientos operacionales, los cursos de formación y educación continua y los órganos de control interno al contenido de esta Resolución en el plazo de ciento ochenta días.

Párrafo único. Los plazos de que trata este artículo empezarán a ser contados a partir de la publicación de esta Resolución.

Art. 31 Se deroga la Resolución Interministerial MJ/SDH/PR n.º 4.226 de 31 de diciembre de 2010.

Art. 32 Esta Resolución entrará en vigor en la fecha de su publicación.



Publicado en el DOU n.º 12-A, viernes, 17 de enero de 2025.

Resolución del Ministro de Justicia y Seguridad Pública n.º 856, de 17 de enero de 2025

Instituye el Comité Nacional de Monitoreo del Uso de la Fuerza (CNMUDF).

El Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública, en uso de las atribuciones que le confiere el artículo 87, párrafo único, incisos I y II, de la Constitución, habida cuenta de lo dispuesto en el artículo 8º del Decreto N.º 12.341, de 23 de diciembre de 2024, y de lo que consta en el Procedimiento Administrativo N.º 08020.007623/2024-62, resuelve:

Art. 1º Instituir el Comité Nacional de Monitoreo del Uso de la Fuerza (CNMUDF), de que trata el artículo 8º del Decreto n.º 12.341 de 23 de diciembre de 2024, con la finalidad de monitorear y evaluar la implementación de las políticas relativas al uso de la fuerza por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

Art. 2º El CNMUDF tiene las siguientes responsabilidades:

I – Producir informes con análisis y orientaciones para la realización de las disposiciones recogidas en el Decreto n.º 12.341 de 2024 y en los respectivos reglamentos;

II – seguir la implementación del Plan Nacional de Seguridad Pública con relación al uso diferenciado de la fuerza y a la reducción de la letalidad policial y la victimización de funcionarios encargados de hacer cumplir la ley;

III – plantear indicadores de monitoreo y evaluación del uso de la fuerza;

IV – estimular la producción y la difusión de conocimientos técnico-científicos relacionados con el uso de la fuerza;

V – preparar orientaciones para programas y acciones relacionados con el uso de la fuerza; y

VI – articularse con comités estatales y distritales y entidades y miembros de la sociedad civil sobre el uso de la fuerza para promover el intercambio de informaciones y experiencias y la reducción de la letalidad policial y la victimización de funcionarios encargados de hacer cumplir la ley.

Art. 3º El CNMUDF estará compuesto de los siguientes miembros:

I – el Secretario Nacional de Seguridad Pública del Ministerio de Justicia y Seguridad Pública de Brasil, que lo presidirá;

II – representantes de los siguientes organismos:

a) Ministerio de Justicia y Seguridad Pública de Brasil:

1. uno de la Secretaría Nacional de Políticas Penales;

2. uno de la Policía Federal;

3. uno de la Policía Caminera Federal; y

4. dos de la Secretaría Nacional de Seguridad Pública, siendo:

4.1. uno de la Dirección del Sistema Único de Seguridad Pública; y

4.2. uno de la Dirección de Gestión de Informaciones;

b) uno del Consejo Nacional de los Comandantes Generales de las Policías Militares; y

c) uno del Consejo Nacional de Jefes de Policía Civil;

III – un representante de los Comandantes de las Guardias Municipales; y

IV – dos representantes de la sociedad civil.

§ 1º Cada miembro del órgano colegiado tendrá un suplente, que lo sustituirá en sus ausencias e impedimentos.

§ 2º Los miembros estipulados en el inciso II del *caput* de este artículo serán nombrados por los titulares de los organismos que representan y designados por acto del Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública de Brasil.

§ 3º Los miembros titulares y suplentes estipulados en los incisos III y IV del *caput* de este artículo serán nombrados por el Secretario Nacional de Seguridad Pública, tras consultar las instituciones correspondientes, y designados por acto del Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública de Brasil.

§ 4º El presidente de CNMUDF podrá hacer llegar invitaciones para la participación en las reuniones, sin derecho a voto, a otros representantes de organismos y entidades públicas y privadas y de la sociedad civil, que por sus conocimientos y experiencia puedan contribuir a la discusión o la implementación de las propuestas en consideración.

§ 5º Los miembros de CNMUDF estipulados en el apartado IV de la parte principal tendrán un mandato de dos años, permitiéndose una readmisión consecutiva, por igual periodo.

Art. 4º El CNMUDF se reunirá semestralmente en carácter ordinario y extraordinariamente siempre que sea necesario, mediante convocatoria de su presidente.

§ 1º El *quorum* de reunión del CNMUDF es de mayoría absoluta de los miembros y el *quorum* de votación es de mayoría simple de los asistentes.

§ 2º Los miembros del CNMUDF que se encuentren en el Distrito Federal se reunirán presencialmente y los miembros que se encuentren en otras entidades federativas participarán en la reunión por videoconferencia.

Art. 5º El CNMUDF podrá constituir grupos de trabajo para estudiar y proponer medidas específicas.

Párrafo único. La institución de los grupos de trabajo de que trata la parte principal de este artículo se limita a:

- I – el número máximo de cinco miembros;
- II – el plazo máximo de seis meses de duración; y
- III – el número máximo de tres grupos de trabajo en operación simultánea.

Art. 6º La Secretaría Ejecutiva del CNMUDF será ejercida por la Dirección del Sistema Único de Seguridad Pública de la Secretaría Nacional de Seguridad Pública de Brasil, que prestará el apoyo técnico-administrativo necesario para el funcionamiento de sus actividades.

Art. 7º Se considerará la participación en el CNMUDF y sus grupos de trabajo una prestación de servicio público relevante, no remunerada.

Art. 8º Se instituirá el CNMUDF en el plazo máximo de sesenta días contados a partir de la publicación de esta Resolución.

Art. 9º Esta Resolución entrará en vigor en la fecha de su publicación.



Publicado en el DOU n.º 12-A, viernes, 17 de enero de 2025.

Resolución del Ministro de Justicia y Seguridad Pública n.º 648, de 28 de mayo de 2024

Establece directrices relativas al uso de cámaras corporales por parte de los organismos encargados de hacer cumplir la ley.

El Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública, en uso de las facultades que le confieren los incisos I y II del párrafo único del artículo 87 de la Constitución y teniendo en cuenta las disposiciones recogidas en los artículos 3º, 7º y 9º de la Ley n.º 13675 de 11 de junio de 2018, juntamente con los incisos XVII y XVIII del artículo 35 de la Ley 14600 del 19 de junio del 2023, resuelve:

CAPÍTULO I

DISPOSICIONES PRELIMINARES

Art. 1º Esta resolución establece las directrices relativas al uso de cámaras corporales por parte de los miembros de los siguientes organismos encargados de hacer cumplir la ley:

I – Policía Federal;

II – Policía Rodoviaria Federal;

III – Policía Penitenciaria Federal;

IV – Policías Militares de los estados y del Distrito Federal;

V – Cuerpos de Bomberos militares de los estados y del Distrito Federal;

VI – Policías Civiles de los estados y del Distrito Federal;

VII – Policías Penitenciarias de los estados y del Distrito Federal;

VIII – Expertos Forenses de los estados y del Distrito Federal; y

IX – Guardias Municipales.

Párrafo único. Esta resolución también atañe a la Fuerza Nacional de Seguridad Pública y la Fuerza Penitenciaria Nacional.

Art. 2º La asignación de fondos del Fondo Nacional de Seguridad Pública y del Fondo Penitenciario Nacional para la implementación o la ampliación de proyectos de cámaras corporales para los organismos encargados de hacer cumplir la ley de los estados, del Distrito Federal y de los municipios está condicionada al cumplimiento de las disposiciones recogidas en esta resolución.

Art. 3º Las presentes directrices son orientadas por los siguientes valores:

I – respeto por los derechos y las garantías fundamentales;

II – promoción de la ciudadanía y de la dignidad de la persona humana;

III – protección, valoración y reconocimiento de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley;

IV – uso diferenciado de la fuerza, de conformidad con los principios de la legalidad, de la necesidad, de la proporcionalidad y de la moderación;

V – respeto por la privacidad y la integridad personal de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley y de la ciudadanía;

VI – articulación entre entidades federativas y agencias;

VII – transparencia, responsabilidad y rendición de cuentas; y

VIII – sencillez, economía procedimental y celeridad en la ejecución de los servicios.

Art. 4º Son objetivos de estas directrices:

I – cualificar la actuación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley;

II – incrementar la protección de los derechos y garantías de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley;

III – estimular la profesionalización de los organismos encargados de hacer cumplir la ley;

- IV – fomentar procesos de innovación y modernización de las acciones de seguridad pública;
- V – estandarizar los procedimientos de actuación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en cuanto al uso de cámaras corporales y a la gestión de los registros audiovisuales;
- VI – cualificar la producción de pruebas materiales, protegiendo la cadena de custodia con base en registros audiovisuales;
- VII – incentivar la utilización de registros audiovisuales para el entrenamiento y el perfeccionamiento técnico de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley;
- VIII – promover estudios científicos y técnicos para el planteamiento, el perfeccionamiento y la evaluación de políticas públicas de seguridad;
- IX – garantizar la disponibilidad, la integridad, la confidencialidad y la autenticidad de las informaciones, recolectadas por los sistemas de registros audiovisuales;
- X – establecer mecanismos de supervisión y evaluación de los proyectos de cámaras corporales; y
- XI – alentar la adopción de estrategias de transparencia activa y participación social.

Art. 5º A efectos de esta resolución, se considera:

- I – cámara corporal: el dispositivo portátil que capta registros audiovisuales de las interacciones con el entorno y con otras personas y que se acopla a los uniformes de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley;
- II – autenticidad: la garantía de que las informaciones son genuinas y fidedignas, de que fueron creadas, modificadas o transmitidas por una fuente fiable y de que no fueron corrompidas durante el proceso;
- III – disponibilidad: la capacidad de acceder y utilizar los datos o sistemas cuando sea necesario, preservándose la cadena de custodia;
- IV – grabación de pre-evento (búfer): el recurso que posibilita la grabación temporal del registro audiovisual por un periodo predeterminado, antes de que ocurra un evento o una acción específica;
- V – *hash*: la función responsable de convertir datos de entrada de longitud variable en una salida de longitud fija;
- VI – información: los datos tratados que pueden ser utilizados para la producción y la transmisión de conocimiento, contenidos en cualquier medio, soporte o formato;

VII – integridad: la calidad de la información que no fue modificada, en cuanto al origen, al tráfico y al destino;

VIII – *log*: el registro informativo cronológico de todos los eventos o actividades que ocurren en un sistema, aplicación o entorno específico;

IX – metadatos: el conjunto de datos que describen y brindan informaciones sobre otros datos;

X – registro audiovisual: las informaciones o los datos audiovisuales que pueden ser usados para comprobar o refutar un hecho, un evento, una acción, una transacción, una actividad delictiva o cualquier otra circunstancia en un contexto legal, investigativo, normativo o de conformidad; y

XI – sistema de gestión de grabaciones: el conjunto de herramientas y procesos usados para acceder, almacenar, autenticar, administrar y conservar registros audiovisuales con seguridad y fiabilidad, garantizando su integridad, autenticidad y confidencialidad.

CAPÍTULO II

OBLIGACIONES

Art. 6º Le compete al Ministerio de Justicia y Seguridad Pública de Brasil:

I – financiar, según las disponibilidades presupuestarias, proyectos de cámaras corporales que satisfagan las presentes directrices;

II – implementar, monitorear y evaluar proyectos de cámaras corporales que contemplen la estandarización de procedimientos, el entrenamiento de personal y la evaluación de resultados, entre otros aspectos;

III – ofrecer consultoría técnica para la preparación de proyectos de cámaras corporales de los organismos encargados de hacer cumplir la ley;

IV – preparar guías de referencia para apoyar la comprensión de los organismos encargados de hacer cumplir la ley respecto de las presentes directrices y los demás temas pertinentes;

V – desarrollar normas técnicas que especifiquen requisitos de seguridad cibernética, física y operacional, así como normas de recolección, transmisión y almacenamiento audiovisual;

VI – producir instrucciones complementarias sobre los procedimientos operacionales relacionados con las cámaras corporales y el uso diferenciado de la fuerza;

VII – proporcionar actas de registro de precios de cámaras corporales, así como de armas de letalidad reducida para la eventual adhesión de los organismos encargados de hacer cumplir la ley;

VIII – realizar entrenamientos sobre cámaras corporales y estimular el uso diferenciado de la fuerza;

IX – incentivar acciones de concientización, discusión e integración de los organismos encargados de hacer cumplir la ley con la sociedad civil respecto del uso de las cámaras corporales;

X – promover la difusión y el intercambio de buenas prácticas sobre el uso de las cámaras corporales;

XI – fomentar investigaciones y estudios sobre la evaluación de los resultados del empleo de las cámaras corporales y del uso diferenciado de la fuerza; y

XII – alentar la participación social en la formulación y el monitoreo de los proyectos de cámaras corporales.

Art. 7º Les compete a los organismos encargados de hacer cumplir la ley:

I – mantener una estructura administrativa para la gestión, el acceso y el suministro de los registros audiovisuales de las cámaras corporales, con la designación de la autoridad responsable;

II – implementar, monitorear y evaluar proyectos de cámaras corporales que contemplen la estandarización de procedimientos, el entrenamiento de personal y la evaluación de resultados, entre otros aspectos;

III – adecuar sus normas institucionales, incluso disciplinarias, a la utilización de las cámaras corporales, definiendo las conductas inadecuadas y las respectivas sanciones;

IV – establecer mecanismos para la comunicación de problemas relacionados con el funcionamiento y el uso de cámaras corporales;

V – adquirir cámaras corporales con fondos propios, de conformidad con sus disponibilidades presupuestarias o con los fondos del Fondo Nacional de Seguridad Pública y del Fondo Penitenciario Nacional, si es que están disponibles;

VI – priorizar el empleo de armas menos letales por parte de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley que utilicen cámaras corporales, en

consonancia con lo dispuesto en la Ley N° 13.060, de 22 de diciembre de 2014, en el Decreto N.° 12.341, de 23 de diciembre de 2024, y en la Resolución MJSP N.° 855, de 17 de enero de 2025; (Redacción dada por la Resolución MJSP N.° 1.099, de 11 de diciembre de 2025);

VII – suministrar equipos de protección personal en cantidad suficiente y calidad adecuada a los miembros de los organismos encargados de hacer cumplir la ley;

VIII – brindar formación y capacitación continua sobre el uso de cámaras corporales;

IX – desarrollar investigaciones y estudios sobre la evaluación de los resultados del empleo de las cámaras corporales y del uso diferenciado de la fuerza; y

X – actualizar los planes de estudios de formación y capacitación continua para la inclusión de contenido específico relacionado con el uso de cámaras corporales.

CAPÍTULO III

UTILIZACIÓN DE LOS EQUIPOS

Art. 8° Los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley en activo deberán utilizar las cámaras corporales, por lo menos, en las siguientes circunstancias:

I – en la atención de incidentes;

II – en las actividades que exijan actuación ostensiva, ordinaria, extraordinaria o especializada;

III – en la identificación y la verificación de bienes;

IV – durante requisas personales y allanamientos de vehículo o domicilio;

V – a lo largo de acciones operacionales, incluso las que comporten manifestaciones, control de disturbios civiles, clausuras o ejecución de interdictos de recobrar;

VI – en el cumplimiento de determinaciones de autoridades policiales o judiciales y de mandatos judiciales;

VII – en los peritajes externos;

VIII – en las actividades de control e inspección técnica;

IX – en las acciones de búsqueda, salvamento y rescate;

X – en las escoltas de detenidos;

XI – en todas las interacciones entre policías y detenidos, dentro o fuera del entorno carcelario;

XII – durante las rutinas carcelarias, incluso en la atención a visitantes y abogados;

XIII – en las intervenciones y la resolución de crisis, motines y rebeliones en el sistema carcelario;

XIV – en las situaciones de oposición a la actuación policial, de potencial enfrentamiento o de uso de fuerza física;

XV – en los siniestros de tráfico; y

XVI – en el patrullaje preventivo y ostensivo o la ejecución de diligencias de rutina en que ocurran o puedan ocurrir arrestos, actos de violencia, lesiones corporales o muertes.

§ 1º Los organismos encargados de hacer cumplir la ley reglamentarán el uso de cámaras corporales en el marco de las disposiciones consignadas en esta resolución.

§ 2º El uso de cámaras corporales en las actividades de inteligencia y las investigaciones que puedan tener su eficiencia perjudicada será objeto de reglamentación específica por los organismos encargados de hacer cumplir la ley.

§ 3º La reglamentación del uso de cámaras corporales por los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberá establecer un orden de prioridad si el número de equipos disponibles no satisface la totalidad de los profesionales en activo.

§ 4º Serán objeto de reglamentación por los organismos encargados de hacer cumplir la ley la clasificación y el almacenamiento de los registros audiovisuales con base en los supuestos estipulados en este artículo.

Art. 9º Los organismos encargados de hacer cumplir la ley desarrollarán procedimientos para garantizar el funcionamiento y la correcta utilización de las cámaras corporales a fin de cerciorarse de que el equipo siempre esté disponible y en buenas condiciones.

§ 1º Es obligatoria la identificación de las cámaras corporales, así como de los registros audiovisuales que dimanen de su uso, mediante numeración única que posibilite la identificación de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley que las utilicen.

§ 2º Siempre que sea técnicamente viable, la ubicación de las cámaras corporales, en tiempo real, debe ser posible.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMIENTOS

Art. 10 La grabación de las cámaras corporales ocurrirá, alternativa o concomitantemente, según los reglamentos de cada organismo encargado de hacer cumplir la ley, admitiéndose las siguientes modalidades:

I – por accionamiento automático, cuando:

- a) la grabación empiece desde la retirada del equipo de la base hasta su devolución, registrando todo el turno de servicio; o
- b) la grabación sea configurada para que responda a determinadas acciones, eventos, señales específicos o geolocalización.

II – por accionamiento remoto: cuando la grabación empiece, de forma ocasional, por medio del sistema tras una decisión de la autoridad competente o si determinada situación exige el procedimiento; o

III – por accionamiento de los propios miembros de los organismos encargados de hacer cumplir la ley para proteger su intimidad o privacidad durante las pausas y los intervalos de trabajo.

§ 1º Con independencia del modo de accionamiento, todas las situaciones estipuladas en el artículo 8º de esta resolución ministerial deberán ser grabadas, especialmente cuando ocurra el supuesto del inciso III del *caput* de este artículo.

§ 2º Los órganos encargados de hacer cumplir la ley deberán adoptar, preferentemente, el modo de grabación a que se refiere la apartado “a” del inciso I del *caput* de este artículo.

§ 3º La reglamentación abarcará:

- I – las peculiaridades jurídicas e institucionales de las acciones grabadas;
- II – las situaciones en que será obligatoria la grabación íntegra de las acciones o sólo la de los hechos relevantes;
- III – la supervisión de las conductas, incluso las relacionadas con el registro de retirada y devolución del equipo y los supuestos de no accionamiento del equipo, de su apagado o de su accionamiento inadecuado, así como la interrupción de la grabación;

IV – el plazo de preservación de los registros, con la especificación de los responsables de esa actividad y las respectivas atribuciones;

V – la posibilidad de utilización de grabación de pre-evento (buffer);

VI – las normas técnicas de certificación de las cámaras corporales producidas por la Secretaría Nacional de Seguridad Pública de Brasil; y

VII – la garantía de intimidad y privacidad de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley durante las pausas y los intervalos de trabajo, de conformidad con las disposiciones recogidas en el artículo 8° de esta resolución ministerial.

§ 4° La restricción o la prohibición del uso de cámaras corporales solamente podrán ocurrir en situaciones excepcionales, debidamente fundamentadas.

§ 5° Los procedimientos operacionales, políticas y directrices relacionados con las cámaras corporales deberán ser publicados y fácilmente accesibles en medio digital.

CAPÍTULO V

INTEGRIDAD DE LOS REGISTROS AUDIOVISUALES

Art. 11 El sistema de gestión de las grabaciones deberá garantizar la validación de la entrada y la salida de los datos en el sistema para garantizar el tratamiento correcto y adecuado del contenido almacenado, preservando la trazabilidad y la custodia de los registros audiovisuales.

§ 1° El rastreo de los registros audiovisuales incluye la función hash, los registros de eventos, la marca de agua, el georreferenciación, la fecha, la hora y la identificación del operador y del equipo.

§ 2° El sistema de gestión de las grabaciones deberá ser auditable, incluso las herramientas de identificación de los accesos, de las consultas y de otras formas de tratamiento de los registros audiovisuales.

§ 3° La identificación del usuarios y de la respectiva cámara corporal en archivos específicos será garantizada por el sistema de gestión de grabaciones.

Art. 12 Los archivos inicialmente producidos por las cámaras corporales no podrán sufrir modificaciones y se deben preservar su integridad y trazabilidad.

§ 1º Sin perjuicio de la integridad de los archivos originales, los organismos encargados de hacer cumplir la ley, según corresponda o cuando sea necesario, deberán reglamentar la divulgación y la compartición de copias de los registros audiovisuales con la ocultación de:

I – indicios de identificación de terceros no involucrados en el incidente;

II – escenas de desnudez explícita;

III – situaciones que atenten contra el derecho a la intimidad y la privacidad de los funcionarios encargados de hacer cumplir la ley; y

IV – otras situaciones que exijan la protección de derechos fundamentales.

§ 2º En los supuestos estipulados en los apartados del § 1º de este artículo, se preservarán los registros audiovisuales originales en copias distintas, accesibles por determinación de las autoridades competentes.

§ 3º A petición de las autoridades de que trata el inciso I del artículo 19, los registros audiovisuales deberán facilitarse en formato original.

Art. 13 La reglamentación del uso de cámaras corporales por los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberá garantizar la protección de la cadena de custodia de los vestigios, indicios y evidencias fácticos, en el marco del Decreto Ley n.º 3.689, de 3 de octubre de 1941 (Código Procesal Penal).

CAPÍTULO VI

ALMACENAMIENTO DE LOS REGISTROS AUDIOVISUALES

Art. 14 El almacenamiento de los registros audiovisuales de las cámaras corporales deberá respetar los requisitos mínimos de seguridad de la información para la utilización de soluciones de computación en la nube establecidos por la Instrucción Normativa n.º 5, de 30 de agosto de 2021, del Gabinetede Seguridad Institucional de la Presidencia de la República.

Art. 15 Se deberán almacenar los registros audiovisuales de las cámaras corporales durante por lo menos noventa días.

§ 1º Se almacenarán los registros audiovisuales por un año, como mínimo, cuando sean:

I – estén vinculados a un conjunto de pruebas que acompañe una investigación policial, una demanda judicial, un procedimiento o un expediente administrativo disciplinario;

II – sean clasificados como relevantes para la seguridad pública;

III – estén relacionados con incidentes que den lugar a muerte y lesión corporal grave;

IV – respecten a manifestaciones, control de disturbios civiles, clausuras o la ejecución de interdictos de recobrar o la contención de tumultos y rebeliones;

V – estén relacionados con arrestos, disparos de arma de fuego o ingresos a domicilio; o

VI – sean solicitados por las autoridades listadas en el inciso I del artículo 19.

§ 2º Los organismos encargados de hacer cumplir la ley podrán establecer otros plazos o circunstancias de almacenamiento de los registros audiovisuales, con tal de que se observen los plazos mínimos estipulados en esta resolución.

Art. 16 Los plazos de almacenamiento de datos estipulados en el artículo 15 podrán ser prorrogados mediante decisión judicial o administrativa.

Art. 17 La eliminación de registros audiovisuales, aunque sea automatizada por los sistemas de almacenamiento, deberá ser trazable, siendo obligatorio el mantenimiento de registros, metadatos y marcas de enlace.

CAPÍTULO VII

ACCESO A LOS REGISTROS AUDIOVISUALES

Art. 18 Se accederá a los registros audiovisuales de las cámaras corporales de conformidad con la Ley n.º 12.527 de 18 de noviembre de 2011.

Art. 19 Los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberán reglamentar el acceso a los registros audiovisuales de las cámaras corporales:

I – a petición de magistrados, miembros del Ministerio Público y de la Defensoría del Pueblo, autoridades policiales o administrativas responsables de investigaciones formalmente incoadas; y

II – a través de la solicitud de abogados regularmente contratados de las víctimas, los acusados o los investigados.

§ 1º La reglamentación de que trata el *caput* deberá estipular el acceso a las informaciones a través de aplicaciones y sistemas dedicados a esta finalidad, que contemplará los protocolos de seguridad relevantes.

§ 2º Si no existe la reglamentación de que trata el *caput*, los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberán facilitar las informaciones solicitadas o requeridas en un plazo no superior a veinte días, prorrogables, de forma justificada, por diez días más.

§ 3º La utilización de los registros audiovisuales deberá observar la finalidad del acceso solicitado o requerido so pena de responsabilización civil, criminal y administrativa del solicitante o requeridor, conforme a derecho.

§ 4º Los organismos encargados de hacer cumplir la ley deberán brindar el acceso a los registros audiovisuales en tiempo real a las instituciones del sistema de justicia en lo criminal y correccional.

Art. 20 Los miembros de los organismos encargados de hacer cumplir la ley podrán solicitar el acceso de los registros audiovisuales de las cámaras corporales cuando hayan participado en los hechos registrados.

Art. 21 Sin perjuicio de las estipulaciones consignadas en el artículo 12 de esta resolución ministerial, la divulgación y la compartición de registros audiovisuales no podrán comprometer:

- I – el derecho a la imagen de los involucrados, particularmente en situaciones que le causen incomodidad o lo sometan a situaciones vergonzosas;
- II – pruebas de peritaje en curso;
- III – la confidencialidad de investigaciones, procedimientos o procesos administrativos o judiciales secretos, incluso los que tramitan en la esfera policial;
- IV – la protección de niños o adolescentes involucrados en actos delictivos; y
- V – las reglas de ética en investigación, desarrollo, innovación, tecnología y perfeccionamiento profesional.

CAPÍTULO VIII

DISPOSICIONES FINALES

Art. 22 Se aplicará lo dispuesto en esta resolución, cuando sea técnicamente viable, a las cámaras vehiculares empleadas por los órganos encargados de hacer cumplir la ley.

Art. 23 Los casos no previstos serán resueltos por el Ministro de Estado de Justicia y Seguridad Pública.

Art. 24 La presente resolución entra en vigor en la fecha de su publicación.



Publicado en el Diario Oficial de la Unión (DOU) el 28 de mayo de 2024, sección 1, página 1, edición Extra.

Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014

Disciplina o uso dos instrumentos de menor potencial ofensivo pelos agentes de segurança pública, em todo o território nacional.

A Presidenta da República faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei disciplina o uso dos instrumentos de menor potencial ofensivo pelos agentes de segurança pública em todo o território nacional.

Art. 2º Os órgãos de segurança pública deverão priorizar a utilização dos instrumentos de menor potencial ofensivo, desde que o seu uso não coloque em risco a integridade física ou psíquica dos policiais, e deverão obedecer aos seguintes princípios:

- I - legalidade;
- II - necessidade;
- III - razoabilidade e proporcionalidade.

Parágrafo único. Não é legítimo o uso de arma de fogo:

- I - contra pessoa em fuga que esteja desarmada ou que não represente risco imediato de morte ou de lesão aos agentes de segurança pública ou a terceiros; e
- II - contra veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, exceto quando o ato represente risco de morte ou lesão aos agentes de segurança pública ou a terceiros.

Art. 3º Os cursos de formação e capacitação dos agentes de segurança pública deverão incluir conteúdo programático que os habilite ao uso dos instrumentos não letais.

Art. 4º Para os efeitos desta Lei, consideram-se instrumentos de menor potencial ofensivo aqueles projetados especificamente para, com baixa probabilidade de causar mortes ou lesões permanentes, conter, debilitar ou incapacitar temporariamente pessoas.

Art. 5º O poder público tem o dever de fornecer a todo agente de segurança pública instrumentos de menor potencial ofensivo para o uso racional da força.

Art. 6º Sempre que do uso da força praticada pelos agentes de segurança pública decorrerem ferimentos em pessoas, deverá ser assegurada a imediata prestação de assistência e socorro médico aos feridos, bem como a comunicação do ocorrido à família ou à pessoa por eles indicada.

Art. 7º O Poder Executivo editará regulamento classificando e disciplinando a utilização dos instrumentos não letais.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.



Brasília, 22 de dezembro de 2014;
193º da Independência e 126º da República.
Publicado no DOU de 23.12.2014

Decreto nº 12.341, de 23 de dezembro de 2024

Regulamenta a Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, para disciplinar o uso da força e dos instrumentos de menor potencial ofensivo pelos profissionais de segurança pública.

O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, caput, incisos IV e VI, alínea “a”, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e nos art. 3º, art. 4º, caput, inciso IX, art. 5º, caput, incisos IV e XI, e art. 7º da Lei nº 13.675, de 11 de junho de 2018, DECRETA:

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto disciplina o uso da força e dos instrumentos de menor potencial ofensivo pelos profissionais de segurança pública, com vistas a promover eficiência, transparência, valorização dos profissionais de segurança pública e respeito aos direitos humanos.

Parágrafo único. A classificação dos instrumentos de menor potencial ofensivo obedecerá ao disposto no art. 23 da Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003, nos art. 4º e art. 7º da Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e no Decreto nº 10.030, de 30 de setembro de 2019.

Art. 2º São princípios gerais de uso da força em segurança pública:

- I - a legalidade;
- II - a precaução;

- III - a necessidade;
- IV - a proporcionalidade;
- V - a razoabilidade;
- VI - a responsabilização; e
- VII - a não discriminação.

Parágrafo único. O uso da força em segurança pública deverá observar as seguintes diretrizes gerais:

- I - o uso da força e de instrumentos de menor potencial ofensivo somente poderá ocorrer para a consecução de um objetivo legal e nos estritos limites da lei;
- II - as operações e as ações de aplicação da lei devem ser planejadas e executadas mediante a adoção de todas as medidas necessárias para prevenir ou minimizar o uso da força e para mitigar a gravidade de qualquer dano direto ou indireto que possa ser causado a quaisquer pessoas;
- III - um recurso de força somente poderá ser empregado quando outros recursos de menor intensidade não forem suficientes para atingir os objetivos legais pretendidos;
- IV - o nível da força utilizado deve ser compatível com a gravidade da ameaça apresentada pela conduta das pessoas envolvidas e os objetivos legítimos da ação do profissional de segurança pública;
- V - a força deve ser empregada com bom senso, prudência e equilíbrio, de acordo com as circunstâncias do caso concreto, com vistas a atingir um objetivo legítimo da aplicação da lei;
- VI - os órgãos e os profissionais de segurança pública devem assumir a responsabilidade pelo uso inadequado da força, após a conclusão de processo de investigação, respeitado o devido processo legal, a ampla defesa e o contraditório; e
- VII - os profissionais de segurança pública devem atuar de forma não discriminatória, sem preconceitos de raça, etnia, cor, gênero, orientação sexual, idioma, religião, nacionalidade, origem social, deficiência, situação econômica, opinião política ou de outra natureza.

CAPÍTULO II

DO USO DIFERENCIADO DA FORÇA

Art. 3º A força deverá ser utilizada de forma diferenciada, com a seleção apropriada do nível a ser empregado, em resposta a uma ameaça real ou

potencial, com vistas a minimizar o uso de meios que possam causar ofensas, ferimentos ou mortes.

§ 1º Os profissionais de segurança pública deverão priorizar a comunicação, a negociação e o emprego de técnicas que impeçam uma escalada da violência.

§ 2º O emprego de arma de fogo será medida de último recurso.

§ 3º Não é legítimo o uso de arma de fogo contra:

I - pessoa em fuga que esteja desarmada ou que não represente risco imediato de morte ou de lesão aos profissionais de segurança pública ou a terceiros; e

II - veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, exceto quando o ato represente risco de morte ou lesão aos profissionais de segurança pública ou a terceiros.

§ 4º O emprego de arma de fogo ou de instrumento de menor potencial ofensivo deverá ser restrito aos profissionais devidamente habilitados para sua utilização.

§ 5º Sempre que o uso da força resultar em ferimento ou morte, deverá ser elaborado relatório circunstanciado, segundo os parâmetros estabelecidos em ato do Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública.

CAPÍTULO III

DA CAPACITAÇÃO

Art. 4º Na capacitação de profissionais de segurança pública sobre o uso da força, os órgãos de segurança pública deverão observar as seguintes diretrizes:

I - obrigatoriedade e periodicidade anual da capacitação sobre uso da força;

II - realização da capacitação no horário de serviço; e

III - adoção de conteúdo que aborde procedimentos sobre o emprego adequado de diferentes tipos de armas de fogo e de instrumentos de menor potencial ofensivo.

Parágrafo único. A matriz curricular nacional de que trata a Lei nº 13.675, de 11 de junho de 2018, deverá ser atualizada para adequação ao disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e neste Decreto.

CAPÍTULO IV

DA IMPLEMENTAÇÃO

Art. 5º Para implementação do disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e neste Decreto, compete ao Ministério da Justiça e Segurança Pública:

I - financiar, conforme a disponibilidade orçamentária, ações que se destinem a implementar o disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e neste Decreto;

II - formular, implementar, monitorar e avaliar ações relacionadas ao uso da força que incluam diagnósticos, padronização de procedimentos, doutrina, capacitação e aquisições de equipamentos, entre outros aspectos;

III - ofertar consultoria técnica especializada para ações relacionadas ao uso da força pelos órgãos de segurança pública;

IV - desenvolver, com a participação dos órgãos de segurança pública, materiais de referência para subsidiar a implementação do disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e neste Decreto, especialmente quanto:

- a) ao uso de algemas;
- b) à busca pessoal e domiciliar; e
- c) à atuação em ambientes prisionais;

V - disponibilizar atas de registro de preços para aquisição de armas de fogo, de instrumentos de menor potencial ofensivo e de equipamentos de proteção individual, para eventual adesão dos órgãos de segurança pública;

VI - realizar ações de capacitação sobre o uso da força;

VII - incentivar ações de conscientização, discussão e integração dos órgãos de segurança pública com a sociedade civil sobre o uso da força;

VIII - promover a difusão e o intercâmbio de boas práticas sobre o uso da força;

IX - fomentar pesquisas e estudos, com ênfase na avaliação de impacto, sobre o uso da força;

X - estabelecer ações para a redução da vitimização dos profissionais de segurança pública e da letalidade policial;

XI - consolidar e publicar dados nacionais relativos ao uso da força pelos profissionais de segurança pública; e

XII - desenvolver medidas para informar a população sobre as políticas de uso da força e como reportar condutas inadequadas na ação dos profissionais de segurança pública.

Art. 6º Para implementação do disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e neste Decreto, os órgãos de segurança pública deverão observar as seguintes diretrizes:

- I - elaboração e atualização de atos normativos que disciplinem o uso diferenciado da força, inclusive de instrumentos de menor potencial ofensivo;
- II - registro e publicação de dados sobre o uso da força;
- III - disponibilização de equipamento de proteção individual e de, no mínimo, dois instrumentos de menor potencial ofensivo a todo profissional de segurança pública em serviço;
- IV - instituição de programas continuados de atenção à saúde mental dos profissionais de segurança pública que se envolvam em ocorrências de alto risco;
- V - implementação, monitoramento e avaliação de ações relacionadas ao uso diferenciado da força, que incluam diagnósticos, padronização de procedimentos e aquisições, entre outros aspectos;
- VI - implementação de ações para a redução da vitimização dos profissionais de segurança pública e da letalidade policial;
- VII - capacitação sobre o uso diferenciado da força;
- VIII - fomento a pesquisas e estudos sobre o uso da força, com ênfase na avaliação de impacto;
- IX - normatização e fiscalização da identificação dos profissionais de segurança pública, de forma a possibilitar a individualização de suas ações durante o serviço; e
- X - normatização da atuação dos profissionais de segurança pública em situações que envolvam gerenciamento de crises, busca pessoal, busca domiciliar, uso de algemas e providências a serem adotadas nos casos em que o uso da força resultar em lesão corporal ou morte.

CAPÍTULO V

DOS MECANISMOS DE CONTROLE E MONITORAMENTO

Art. 7º São diretrizes para atuação dos mecanismos de fiscalização e de controle interno dos órgãos de segurança pública na supervisão do uso da força:

I - garantia da transparência e do acesso público a dados e informações sobre o uso da força;

II - disponibilização de canais de denúncia e orientações de registro e acompanhamento de reclamações sobre o uso da força, nos meios de comunicação oficiais, de forma clara e acessível;

III - garantia do processamento eficaz e transparente das reclamações sobre o uso da força; e

IV - fortalecimento da atuação das corregedorias e ouvidorias dos órgãos de segurança pública.

Parágrafo único. Para fins do disposto no art. 5º, caput, inciso XI, as ocorrências relacionadas ao uso da força serão formalmente registradas pelos órgãos de segurança pública, segundo parâmetros estabelecidos em ato do Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública, quando:

I - resultarem em lesão corporal ou morte; ou

II - envolverem o emprego de armas de fogo ou de instrumentos de menor potencial ofensivo em ambientes prisionais.

Art. 8º Ato do Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública instituirá Comitê Nacional de Monitoramento do Uso da Força – CNMUDF, com a finalidade de monitorar e avaliar a implementação das políticas relativas ao uso da força de que trata este Decreto.

§ 1º O ato de que trata o caput:

I - disporá sobre:

a) a composição do colegiado, garantida a participação da sociedade civil;

b) as suas competências; e

c) a sua forma de funcionamento;

II - observará o disposto no Capítulo VI do Decreto nº 12.002, de 22 de abril de 2024; e

III - preverá, entre as finalidades do comitê:

a) a produção de relatórios que contenham análises e orientações sobre temas relacionados a este Decreto;

b) o acompanhamento da implementação do Plano Nacional de Segurança Pública, em relação à redução da letalidade policial e da vitimização de profissionais de segurança pública;

- c) a proposição de indicadores de monitoramento e avaliação do uso da força;
- d) o estímulo à produção e à difusão de conhecimentos técnico-científicos relacionados ao uso da força;
- e) a elaboração de orientações para programas e ações relacionados ao uso da força; e
- f) a articulação com os comitês estaduais e distrital sobre o uso da força, de modo a promover o intercâmbio de informações e experiências e a redução da letalidade policial e da vitimização de profissionais de segurança pública.

§ 2º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, quando instituírem comitês de monitoramento do uso da força, observarão as mesmas finalidades previstas para o comitê de que trata o caput, garantida, no que couber, a participação de representantes da sociedade civil.

CAPÍTULO VI

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 9º O repasse de recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública e do Fundo Penitenciário Nacional para ações que envolvam o uso da força pelos órgãos de segurança pública dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios está condicionado à observância do disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e neste Decreto.

Art. 10. O Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública editará normas complementares necessárias à execução do disposto neste Decreto.

Art. 11. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.



Brasília, 23 de dezembro de 2024;
203º da Independência e 136º da República.
Publicado no DOU de 24.12.2024

Portaria do Ministro da Justiça e Segurança Pública nº 855, de 17 de janeiro de 2025

Regulamenta o Decreto nº 12.341, de 23 de dezembro de 2024, e estabelece diretrizes sobre o uso da força pelos profissionais de segurança pública.

O Ministro de Estado de Justiça e Segurança Pública, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, parágrafo único, incisos I e II, da Constituição, tendo em vista o disposto nos arts. 1º, 2º e 7º, da Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e no art. 10 do Decreto nº 12.341, de 23 de dezembro de 2024, e o que consta no Processo Administrativo nº 08020.007623/2024-62, resolve:

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Estabelecer normas complementares ao Decreto nº 12.341, de 23 de dezembro de 2024, que disciplina o uso da força e dos instrumentos de menor potencial ofensivo pelos profissionais de segurança pública, com vistas a promover uma maior eficiência, transparência e valorização de suas atividades.

Parágrafo único. São objetivos desta Portaria:

- I - assegurar a correta utilização da força nas ações de segurança pública;
- II - incrementar a profissionalização e capacitação dos integrantes dos órgãos de segurança pública;

III - estimular a edição pelos distintos órgãos de segurança pública de atos normativos disciplinando o uso da força no âmbito das respectivas competências;

IV - fomentar a produção de dados e análises sobre o uso da força;

V - incentivar a ampliação da supervisão e fiscalização do uso da força nas ações de segurança pública, especialmente por meio das corregedorias e ouvidorias de Polícia; e

VI - encorajar a adoção de instrumentos de menor potencial ofensivo.

Art. 2º Esta Portaria se aplica à:

I - Polícia Federal;

II - Polícia Rodoviária Federal;

III - Polícia Penal Federal;

IV - Força Nacional de Segurança Pública; e

V - Força Penal Nacional.

Art. 3º O disposto nesta Portaria será observado pelos órgãos de segurança pública estaduais, distritais e municipais nas iniciativas que envolvam recursos oriundos do Fundo Nacional de Segurança Pública e do Fundo Penitenciário Nacional para projetos, ações e objetos relacionados ao uso da força, incluindo repasses e doações.

Art. 4º São princípios gerais de uso da força em segurança pública:

I - legalidade;

II - precaução;

III - necessidade;

IV - proporcionalidade;

V - razoabilidade;

VI - responsabilização; e

VII - não discriminação.

Art. 5º Para fins desta Portaria, considera-se:

I - ações de uso da força em segurança pública: atividades realizadas por seus profissionais com o objetivo de impedir, reprimir ou apurar violações ao ordenamento vigente;

II - força: intervenção coercitiva imposta a uma pessoa ou grupo de pessoas pelos profissionais de segurança pública com a finalidade de preservar a ordem pública, a incolumidade física e o patrimônio das pessoas;

III - instrumentos de menor potencial ofensivo: artefatos projetados especificamente para minimizar os riscos de causar mortes ou lesões permanentes;

IV - instrumentos de menor potencial ofensivo de debilitação: artefatos capazes de reduzir temporariamente a capacidade de reação das pessoas, diminuindo sua energia, vigor ou firmeza;

V - instrumentos de menor potencial ofensivo de incapacitação: artefatos que atuam diretamente no sistema nervoso, causando reações involuntárias no organismo das pessoas fazendo com que percam o controle sobre seus atos;

VI - técnicas de desescalamento: procedimentos, táticas ou estratégias utilizadas com o objetivo de reduzir a intensidade de um confronto ou de uma situação com o potencial de gerar violência, minimizando o uso da força; e

VII - uso diferenciado da força: seleção apropriada do nível de força a ser empregado, em resposta a uma ameaça real ou potencial, com vistas a minimizar o uso de meios que possam causar ofensas, ferimentos ou mortes.

Art. 6º O uso da força em segurança pública deverá observar as seguintes diretrizes gerais:

I - o uso da força e de instrumentos de menor potencial ofensivo somente poderá ocorrer para a consecução de um objetivo legal e nos estritos limites da lei;

II - as operações e as ações de aplicação da lei devem ser planejadas e executadas mediante a adoção de todas as medidas necessárias para prevenir ou minimizar o uso da força e para mitigar a gravidade de qualquer dano direto ou indireto que possa ser causado a quaisquer pessoas;

III - um recurso de força somente poderá ser empregado quando outros recursos de menor intensidade não forem suficientes para atingir os objetivos legais pretendidos;

IV - o nível da força utilizado deve ser compatível com a gravidade da ameaça apresentada pela conduta das pessoas envolvidas e os objetivos legítimos da ação do profissional de segurança pública;

V - a força deve ser empregada com bom senso, prudência e equilíbrio, de acordo com as circunstâncias do caso concreto, com vistas a atingir um objetivo legítimo da aplicação da lei;

VI - os órgãos e os profissionais de segurança pública devem assumir a responsabilidade pelo uso inadequado da força, após a conclusão de processo de investigação, respeitado o devido processo legal, a ampla defesa e o contraditório; e

VII - os profissionais de segurança pública devem atuar de forma não discriminatória, sem preconceitos de raça, etnia, cor, gênero, orientação sexual, idioma, religião, nacionalidade, origem social, deficiência, situação econômica, opinião política ou de outra natureza.

CAPÍTULO II

DAS CIRCUNSTÂNCIAS DO USO DIFERENCIADO DA FORÇA

Seção I

Do Uso Diferenciado da Força

Art. 7º A força deverá ser utilizada de forma diferenciada, com a seleção apropriada do nível a ser empregado, em resposta a uma ameaça real ou potencial, com vistas a minimizar o uso de meios que possam causar ofensas, ferimentos ou mortes.

Parágrafo único. Os profissionais de segurança pública priorizarão a comunicação, a negociação e o emprego de técnicas que impeçam uma escalada da violência.

Seção II

Do Emprego de Arma de Fogo

Art. 8º O emprego de arma de fogo será medida de último recurso.

§ 1º Não é legítimo o uso de arma de fogo contra:

I - pessoa em fuga que esteja desarmada ou que não represente risco imediato de morte ou de lesão aos profissionais de segurança pública ou a terceiros; ou

II - veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, exceto quando o ato represente risco de morte ou lesão aos profissionais de segurança pública ou a terceiros.

§ 2º O uso de armas de fogo por profissionais de segurança pública embarcados em aeronave durante operações somente será permitido em casos de estrita necessidade para a legítima defesa dos tripulantes, equipes terrestres e população civil.

§ 3º O emprego de arma de fogo será restrito aos profissionais devidamente habilitados.

Art. 9º Na regulamentação do emprego de arma de fogo, os órgãos de segurança pública, observadas as respectivas atribuições institucionais, deverão observar:

- I - as circunstâncias adequadas para a sua utilização, manejo e guarda;
- II - as peculiaridades técnicas, operacionais e jurídicas de suas atividades;
- III - o registro e o controle de seu emprego, inclusive dos respectivos acessórios e munições, especialmente quando disparos forem efetuados;
- IV - as normas técnicas elaboradas pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça e Segurança Pública;
- V - o desenvolvimento de programas de capacitação, inclusive com a utilização de equipamentos virtuais que simulem situações reais, sem prejuízo de exercícios práticos de tiro;
- VI - o estabelecimento de protocolos operacionais;
- VII - as instâncias de supervisão e suas responsabilidades, inclusive quanto ao monitoramento dos incidentes conforme estabelecido no art. 26; e
- VIII - a periodicidade de realização da avaliação psicológica dos profissionais de segurança pública.

Art. 10. Os profissionais de segurança pública não deverão:

- I - utilizar arma de fogo:
 - a) contra pessoa em fuga que esteja desarmada ou que não represente risco imediato de morte ou de lesão aos profissionais de segurança pública ou a terceiros; ou
 - b) contra veículo que desrespeite ordem de parada ou bloqueio policial em via pública, exceto quando o ato represente risco de morte ou lesão aos profissionais de segurança pública ou a terceiros;
- II - apontar arma de fogo em direção a pessoas durante os procedimentos de abordagem como prática rotineira e indiscriminada; e
- III - disparar a esmo ou a título de advertência.

Parágrafo único. O emprego de arma de fogo em ambientes prisionais será restrito a situações de grave e iminente ameaça à vida ou à integridade física de profissionais da segurança pública ou de terceiros, não sendo recomendado durante rotinas de movimentação dos presos, salvo em circunstâncias excepcionais, devidamente autorizadas e justificadas pela autoridade competente.

Art. 11. A renovação da habilitação para uso de arma de fogo em serviço deve ser feita a cada três anos, após a aprovação nos exames técnicos e psicológicos competentes. (Redação dada pela Portaria MJSP nº 1.121, de 6 de janeiro de 2026).

Seção III

Do Emprego de Instrumentos de Menor Potencial Ofensivo

Art. 12. Na regulamentação do emprego de instrumentos de menor potencial ofensivo, os órgãos de segurança pública deverão observar:

- I - as circunstâncias adequadas para a sua utilização, manejo e guarda;
- II - as peculiaridades técnicas, operacionais e jurídicas de suas atividades;
- III - as situações em que o uso de instrumentos de menor potencial ofensivo será recomendado em detrimento de outros equipamentos;
- IV - a necessidade de registro e controle dos instrumentos de menor potencial ofensivo;
- V - as normas técnicas da Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça e Segurança Pública;
- VI - o estabelecimento de protocolos operacionais; e
- VII - as instâncias de supervisão e suas responsabilidades, inclusive quanto ao monitoramento dos incidentes conforme estabelecido no art. 26.

§ 1º O emprego de técnicas e instrumentos de menor potencial ofensivo será restrito aos profissionais devidamente habilitados e deve ser priorizado, sempre que possível e operacionalmente adequado, não estando restrito às unidades especializadas.

§ 2º A capacitação dos profissionais de segurança pública para utilização de instrumentos de menor potencial ofensivo deverá ser realizada, de preferência, anualmente e de forma presencial.

Art. 13. Os órgãos de segurança pública deverão disponibilizar aos seus profissionais em serviço, individualmente, no mínimo:

- I - um instrumento de menor potencial ofensivo específico de debilitação;
- II - um instrumento de menor potencial ofensivo específico de incapacitação; e
- III - equipamentos de proteção individual necessários à sua atuação independentemente de portar ou não arma de fogo.

Parágrafo único. Os instrumentos de menor potencial ofensivo e os equipamentos de proteção deverão estar em plenas condições de uso e dentro do prazo de validade.

Seção IV

Do Gerenciamento de Crise

Art. 14. Na regulamentação das situações que envolvam o gerenciamento de crises, os órgãos de segurança pública deverão observar os seguintes parâmetros:

- I - planejar estrategicamente as operações, considerando os diversos cenários, as informações de inteligência e análise de riscos, para minimizar ou mitigar os danos e o uso inadequado da força;
- II - documentar os procedimentos, preferencialmente por meio de câmeras corporais, de acordo com a Portaria MJSP nº 648, de 28 de maio de 2024;
- III - monitorar e supervisionar continuamente as operações, realizando ajustes táticos em tempo real para garantir a legalidade e a eficácia da intervenção; e
- IV - registrar e justificar as ações e as decisões tomadas durante as operações.

Art. 15. Os órgãos de segurança pública deverão contar com uma estrutura técnica para realizar o gerenciamento de crises, visando a identificar e prevenir, antecipadamente, possíveis problemas operacionais, de maneira a aplicar os recursos necessários para melhor solucioná-los.

Parágrafo único. O uso de alternativas táticas no gerenciamento de crises considerará:

- I - a negociação como a principal alternativa; e
- II - a necessidade e a mensuração do risco da adoção de medidas de uso diferenciado da força.

Seção V

Da Busca Pessoal e Domiciliar

Art. 16. A regulamentação da busca pessoal pelos órgãos de segurança pública observará os seguintes parâmetros:

- I - informar às pessoas submetidas à medida as razões que a motivaram, esclarecendo os seus direitos, de forma clara e compreensível;
- II - estabelecer que o procedimento seja o menos invasivo possível, de modo a minimizar constrangimentos;
- III - limitar ao mínimo necessário o uso da força, que deverá ser proporcional à resistência apresentada pela pessoa;
- IV - registrar a identidade da pessoa revistada e as razões para a realização do procedimento; e
- V - documentar os procedimentos, preferencialmente por meio de câmeras corporais de acordo com a Portaria MJSP nº 648, de 28 de maio de 2024.

§ 1º Excepcionalmente, o registro individualizado poderá deixar de ser feito, de forma justificada, em situações de controle de multidões, de acompanhamento de eventos em que a quantidade de pessoas impossibilite a sua realização, ou quando as condições de risco operacional tornarem inviável a documentação do procedimento. (Redação dada pela Portaria MJSP nº 1.121, de 6 de janeiro de 2026)

§ 2º A abordagem baseada em fundada suspeita constitui medida excepcional que só se justifica em situações nas quais se verificarem indícios da posse de armas ou de outros objetos ilícitos ou perigosos.

Art. 17. A regulamentação da busca domiciliar deverá observar os seguintes parâmetros:

- I - informar à pessoa as razões da medida esclarecendo os seus direitos, de forma clara e compreensível;
- II - minimizar qualquer dano à pessoa ou à propriedade, garantindo que o procedimento seja o menos invasivo possível;
- III - limitar ao mínimo necessário o uso da força;
- IV - registrar a identidade das pessoas objeto da medida e a dos demais residentes ou presentes, bem como as razões que a motivaram;

V - obter e registrar o consentimento do residente, na hipótese de inexistência de mandado judicial, que deverá ser voluntário e livre de qualquer constrangimento ou coação, exceto em caso de flagrante;

VI - adotar medidas disciplinares nas hipóteses em que o profissional extrapolar os limites legais de atuação ou praticar conduta discriminatória;

VII - promover ações no sentido de conscientizar os profissionais de segurança pública para que observem a imparcialidade e a legalidade e evitem comportamentos abusivos ou preconceituosos; e

VIII - documentar os procedimentos, preferencialmente por meio de câmeras corporais de acordo com a Portaria MJSP nº 648, de 28 de maio de 2024.

Seção VI

Do Uso de Algemas

Art. 18. O uso de algemas será sempre excepcional, devendo observar os seguintes pressupostos, sem prejuízo do disposto na Súmula Vinculante nº 11 do Supremo Tribunal Federal:

- I - resistência à ordem legal;
- II - fundado receio de fuga do preso; e
- III - perigo à integridade física própria ou alheia.

Parágrafo único. A excepcionalidade será justificada por escrito, em registro do fato ou em relatório operacional.

Art. 19. Na regulamentação do uso de algemas, os órgãos de segurança pública deverão observar os seguintes parâmetros:

- I - respeitar os critérios estabelecidos no art. 18;
- II - considerar as peculiaridades técnicas, as competências constitucionais e as atividades de cada órgão de segurança pública no emprego do uso de algemas;
- III - adotar procedimentos operacionais que garantam a segurança do profissional de segurança pública e que estejam em consonância com os direitos fundamentais da pessoa abordada;
- IV - estabelecer critérios que subsidiem o profissional de segurança pública na identificação de situações de uso da algema; e

V - documentar os procedimentos, preferencialmente por meio de câmeras corporais de acordo com a Portaria MJSP nº 648, de 2024.

Seção VII

Da Lesão ou Morte Decorrente do Uso da Força

Art. 20. Quando o uso da força resultar em lesão ou morte, os profissionais de segurança pública deverão:

I - facilitar a prestação de socorro ou assistência médica aos feridos;

II - garantir a preservação do local dos fatos;

III - solicitar a presença da polícia judiciária e de peritos criminais para o registro técnico dos fatos;

IV - comunicar a ocorrência aos familiares, amigos ou conhecidos da pessoa ferida ou morta;

V - elaborar relatório circunstanciado com as informações de que trata o art. 26 desta Portaria; e

VI - relatar os acontecimentos, de modo fiel e detalhado, às corregedorias ou aos órgãos equivalentes, de forma a contribuir com a elucidação dos fatos.

§ 1º As ocorrências que resultarem em morte ou lesão corporal serão imediatamente comunicadas ao Ministério Público.

§ 2º Os órgãos de segurança pública manterão equipe técnica permanente voltada ao estudo das ocorrências relacionadas a lesões corporais e mortes.

CAPÍTULO III

DOS MECANISMOS DE CONTROLE E MONITORAMENTO

Art. 21. Os órgãos de segurança pública manterão corregedorias, dotadas de autonomia no exercício de suas competências, cabendo-lhes a apuração da responsabilidade funcional dos profissionais que os integram, por meio de procedimentos administrativos disciplinares.

Art. 22. Nos termos do art. 34 da Lei nº 13.675, de 11 de junho de 2018, deverão ser instituídos órgãos de ouvidoria dotados de autonomia e independência no exercício de suas atribuições.

Parágrafo único. Às ouvidorias competirá o recebimento e tratamento de representações, elogios e sugestões de qualquer pessoa sobre as ações e atividades dos profissionais de segurança pública, devendo encaminhá-los ao órgão com atribuição para as providências legais e a resposta ao requerente.

Art. 23. São diretrizes para atuação dos mecanismos de fiscalização e de controle interno dos órgãos de segurança pública na supervisão do uso da força:

I - garantia da transparência e do acesso público a dados e informações sobre o uso da força;

II - disponibilização de canais de denúncia e orientações de registro e acompanhamento de reclamações sobre o uso da força, nos meios de comunicação oficiais, de forma clara e acessível;

III - garantia do processamento eficaz e transparente das reclamações sobre o uso da força; e

IV - fortalecimento da atuação das corregedorias e ouvidorias dos órgãos de segurança pública.

Art. 24. As ocorrências relacionadas ao uso da força serão formalmente registradas pelos órgãos de segurança pública, quando:

I - resultarem em lesão corporal ou morte; ou

II - envolverem o emprego de armas de fogo ou de instrumentos de menor potencial ofensivo em ambientes prisionais.

Parágrafo único. Atos da Secretaria Nacional de Segurança Pública e da Secretaria Nacional de Políticas Penais regulamentarão os registros de que tratam, respectivamente, os incisos I e II do caput deste artigo.

Art. 25. Os órgãos de segurança pública deverão produzir e publicar dados relativos ao número:

I - de profissionais de segurança pública mortos e feridos durante ou fora de serviço;

II - de pessoas mortas e feridas em decorrência da atuação de segurança pública durante ou fora de serviço; e

III - de denúncias recebidas, investigações realizadas e sanções aplicadas em razão de ocorrências com lesões corporais ou mortes.

Art. 26. Os órgãos de segurança pública deverão manter registro de ocorrências relacionadas ao uso da força que resultem em lesões corporais ou mortes, que contenha, no mínimo, os seguintes dados ou informações:

I - data, hora e local do evento;

II - identificação dos profissionais de segurança pública envolvidos, das vítimas e das testemunhas, se houver;

III - descrição pormenorizada dos equipamentos utilizados, com dados sobre o tipo, modelo e número de série;

IV - indicação das características físicas e sociais das vítimas;

V - medidas adotadas antes dos disparos ou do emprego dos instrumentos de menor potencial ofensivo;

VI - descrição das circunstâncias, justificativas e consequências relacionadas ao evento e ao nível de força empregada;

VII - tipo de arma e munição, quantidade e distância aproximada dos disparos efetuados;

VIII - quantidade de pessoas vitimadas durante a ação;

IX - ações realizadas para facilitar assistência médica, se necessário; e

X - procedimentos de preservação do local do incidente.

§ 1º Em caso de impossibilidade de registro de qualquer dos dados acima, os profissionais de segurança pública envolvidos deverão apresentar justificativa circunstanciada.

§ 2º Todas as situações que envolverem emprego de armas de fogo ou de instrumentos de menor potencial ofensivo em ambientes prisionais, independentemente do resultado, deverão ser documentadas.

Art. 27. O Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública, Prisionais, de Rastreabilidade de Armas e Munições, de Material Genético, de Digitais e de Drogas - Sinesp deverá disponibilizar em sua plataforma ferramentas que possibilitem o registro das circunstâncias relacionadas ao uso da força pelos profissionais de segurança pública.

CAPÍTULO IV

DA CAPACITAÇÃO

Art. 28. Os órgãos de segurança pública deverão assegurar recursos adequados para a capacitação de seus profissionais, bem como regulamentar:

I - a matriz curricular prevendo disciplina específica sobre o uso da força, incluindo conteúdos relacionados a instrumentos de menor potencial ofensivo;

II - a atualização dos programas, conforme as melhores práticas e novas tecnologias disponíveis;

III - a periodicidade dos cursos;

IV - os mecanismos de participação dos profissionais de segurança pública na avaliação dos cursos;

V - a atualização pedagógica dos docentes sobre o uso da força; e

VI - o conteúdo e a carga horária mínima para a habilitação e a atualização do uso de cada tipo de arma de fogo e instrumento de menor potencial ofensivo.

§ 1º A seleção dos docentes atenderá os seguintes requisitos:

I - aferição de conhecimentos teóricos e práticos;

II - análise do currículo formal, atribuído maior peso às atividades de docência;

III - experiência profissional em atividades finalísticas; e

IV - análise dos registros funcionais.

§ 2º A matriz curricular nacional de que trata a Lei nº 13.675, de 2018, deverá ser atualizada segundo os ditames da Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, do Decreto nº 12.341, de 2024, e desta Portaria.

CAPÍTULO V

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 29. A Secretaria Nacional de Segurança Pública e a Secretaria Nacional de Políticas Penais adotarão, no âmbito de suas competências e em apoio aos entes federados, ações com vistas a certificar, prospectar, adquirir e contratar

equipamentos e serviços necessários à implementação de ações e projetos relacionados ao uso da força.

Art. 30. A Polícia Federal, a Polícia Rodoviária Federal, a Polícia Penal Federal, a Força Nacional de Segurança Pública e a Força Penal Nacional deverão:

I - instituir comissão responsável por avaliar a situação interna em relação a esta Portaria e propor medidas para assegurar as adequações necessárias, no prazo de sessenta dias;

II - estabelecer normas complementares a esta Portaria, no prazo de cento e vinte dias; e

III - adequar seus procedimentos operacionais, os cursos de formação e educação continuada, e os órgãos de controle interno ao contido nesta Portaria, no prazo de cento e oitenta dias.

Parágrafo único. Os prazos de que trata este artigo contarão a partir da publicação desta Portaria.

Art. 31. Fica revogada a Portaria Interministerial MJ/SDH/PR nº 4.226, de 31 de dezembro de 2010.

Art. 32. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.



Publicado no DOU N° 12-A, sexta-feira, 17 de janeiro de 2025.

Portaria do Ministro da Justiça e Segurança Pública nº 856, de 17 de janeiro de 2025

Institui o Comitê Nacional de Monitoramento do Uso da Força – CNMUDF.

O Ministro de Estado de Justiça e Segurança Pública, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, parágrafo único, incisos I e II, da Constituição, tendo em vista o disposto no art. 8º do Decreto nº 12.341, de 23 de dezembro de 2024, e o que consta no Processo Administrativo nº 08020.007623/2024-62, resolve:

Art. 1º Instituir o Comitê Nacional de Monitoramento do Uso da Força – CNMUDF de que trata o art. 8º do Decreto nº 12.341, de 23 de dezembro de 2024, com a finalidade de monitorar e avaliar a implementação das políticas relativas ao uso da força pelos profissionais de segurança pública.

Art. 2º O CNMUDF tem as seguintes atribuições:

I - produzir relatórios com análises e orientações para concretização do disposto no Decreto nº 12.341, de 2024, e respectiva regulamentação;

II - acompanhar a implementação do Plano Nacional de Segurança Pública, em relação ao uso diferenciado da força e à redução da letalidade policial e da vitimização de agentes de segurança pública;

III - propor indicadores de monitoramento e avaliação do uso da força;

IV - estimular a produção e a difusão de conhecimentos técnico científicos relacionados ao uso da força;

V - elaborar orientações para programas e ações relacionados ao uso da força; e

VI - articular com comitês estaduais e distrital e com entidades e membros da sociedade civil sobre o uso da força, para promover o intercâmbio de informações e experiências e a redução da letalidade policial e da vitimização de profissionais de segurança pública.

Art. 3º O CNMUDF será composto pelos seguintes membros:

I - o Secretário Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça e Segurança Pública, que o presidirá;

II - representantes dos seguintes órgãos:

a) do Ministério da Justiça e Segurança Pública:

1. um da Secretaria Nacional de Políticas Penais;

2. um da Polícia Federal;

3. um da Polícia Rodoviária Federal; e

4. dois da Secretaria Nacional de Segurança Pública, sendo:

4.1. um da Diretoria do Sistema Único de Segurança Pública; e

4.2. um da Diretoria de Gestão de Informações;

b) um do Conselho Nacional dos Comandantes-Gerais das Polícias Militares; e

c) um do Conselho Nacional de Chefes de Polícia Civil;

III - um representante dos Comandantes das Guardas Municipais; e

IV - dois representantes da sociedade civil.

§ 1º Cada membro do colegiado terá um suplente, que o substituirá em suas ausências e impedimentos.

§ 2º Os membros previstos no inciso II do caput deste artigo serão indicados pelos titulares dos órgãos que representam e designados por ato do Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública.

§ 3º Os membros titulares e suplentes previstos nos incisos III e IV do caput deste artigo serão indicados pelo Secretário Nacional de Segurança Pública, ouvidas as instituições correspondentes, e designados por ato do Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública.

§ 4º O presidente do CNMUDF poderá convidar para participar das reuniões, sem direito a voto, outros representantes de órgãos e entidades públicas, privadas e da sociedade civil, que, por seus conhecimentos e experiência, possam contribuir para a discussão ou implementação das propostas em exame.

§ 5º Os membros do CNMUDF previstos no inciso IV do caput terão mandato de dois anos, sendo permitida uma recondução consecutiva, por igual período.

Art. 4º O CNMUDF se reunirá semestralmente, em caráter ordinário, e, extraordinariamente, sempre que necessário, por convocação de seu presidente.

§ 1º O quórum de reunião do CNMUDF é de maioria absoluta dos membros, e o quórum de votação é de maioria simples dos presentes.

§ 2º Os membros do CNMUDF que se encontrarem no Distrito Federal se reunirão presencialmente, e os membros que se encontrem em outros entes federativos participarão da reunião por meio de videoconferência.

Art. 5º O CNMUDF poderá constituir grupos de trabalho para estudar e propor medidas específicas.

Parágrafo único. A instituição dos grupos de trabalho de que trata o caput deste artigo fica limitada a:

- I - o número máximo de cinco membros;
- II - o prazo máximo de seis meses de duração; e
- III - o número máximo de três grupos de trabalho em operação simultânea.

Art. 6º A Secretaria-Executiva do CNMUDF será exercida pela Diretoria do Sistema Único de Segurança Pública da Secretaria Nacional de Segurança Pública, que prestará o apoio técnico-administrativo necessário ao funcionamento de suas atividades.

Art. 7º A participação no CNMUDF e nos seus grupos de trabalho será considerada prestação de serviço público relevante, não remunerada.

Art. 8º O CNMUDF será instalado no prazo de até sessenta dias contados da publicação desta Portaria.

Art. 9º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.



Publicado no DOU de Nº 12-A, sexta-feira, 17 de janeiro de 2025.

Portaria do Ministro da Justiça e Segurança Pública nº 648, de 28 de maio de 2024

Estabelece diretrizes sobre o uso de câmeras corporais pelos órgãos de segurança pública.

O Ministro de Estado de Justiça e Segurança Pública, no uso das atribuições que lhe conferem os incisos I e II, do parágrafo único, do art. 87 da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 3º, 7º e 9º da Lei nº 13.675, de 11 de junho de 2018, combinados com os incisos XVII e XVIII do art. 35 da Lei nº 14.600, de 19 de junho de 2023, resolve:

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta portaria estabelece as diretrizes sobre o uso de câmeras corporais pelos integrantes dos seguintes órgãos de segurança pública:

- I - Polícia Federal;
- II - Polícia Rodoviária Federal;
- III - Polícia Penal Federal;
- IV - Polícias Militares dos Estados e do Distrito Federal;
- V - Corpos de Bombeiros Militares dos Estados e do Distrito Federal;
- VI - Polícias Cíveis dos Estados e do Distrito Federal;
- VII - Polícias Penais dos Estados e do Distrito Federal;

VIII - Peritos de Natureza Criminal dos Estados e do Distrito Federal; e

IX - Guardas Municipais.

Parágrafo único. Esta portaria aplica-se também à Força Nacional de Segurança Pública e à Força Penal Nacional.

Art. 2º O repasse de recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública e do Fundo Penitenciário Nacional para a implementação ou a ampliação de projetos de câmeras corporais para os órgãos de segurança pública dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios está condicionado à observância das diretrizes estabelecidas nesta portaria.

Art. 3º As presentes diretrizes são norteadas pelos seguintes valores:

I - respeito aos direitos e garantias fundamentais;

II - promoção da cidadania e da dignidade da pessoa humana;

III - proteção, valorização e reconhecimento dos profissionais de segurança pública;

IV - uso diferenciado da força, observados os princípios da legalidade, necessidade, proporcionalidade e moderação;

V - respeito à privacidade e integridade pessoal dos profissionais de segurança pública e da população em geral;

VI - articulação interfederativa e interagências;

VII - transparência, responsabilidade e prestação de contas; e

VIII - simplicidade, economia procedimental e celeridade na execução dos serviços.

Art. 4º São objetivos destas diretrizes:

I - qualificar a atuação dos profissionais de segurança pública;

II - incrementar a proteção dos direitos e garantias dos profissionais de segurança pública e dos cidadãos;

III - estimular a profissionalização dos órgãos de segurança pública;

IV - fomentar processos de inovação e modernização das ações de segurança pública;

V - padronizar procedimentos de atuação dos profissionais de segurança pública quanto ao uso de câmeras corporais e à gestão dos registros audiovisuais;

VI - qualificar a produção de provas materiais, resguardando a cadeia de custódia a partir de registros audiovisuais;

- VII - incentivar a utilização de registros audiovisuais para o treinamento e aperfeiçoamento técnico dos profissionais de segurança pública;
- VIII - promover estudos científicos e técnicos para proposição, aperfeiçoamento e avaliação de políticas públicas de segurança;
- IX - assegurar a disponibilidade, integridade, confidencialidade e autenticidade das informações coletadas pelos sistemas de registros audiovisuais;
- X - estabelecer mecanismos de supervisão e avaliação dos projetos de câmeras corporais; e
- XI - encorajar a adoção de estratégias de transparência ativa e participação social.

Art. 5º Para os fins desta portaria, considera-se:

- I - câmera corporal: o dispositivo portátil que capta registros audiovisuais das interações com o ambiente e com outras pessoas e que se acoplam aos uniformes dos profissionais de segurança pública;
- II - autenticidade: a garantia de que as informações são genuínas e confiáveis e que foram criadas, modificadas ou transmitidas por uma fonte confiável e que não foram corrompidas durante o processo;
- III - disponibilidade: a capacidade de acessar e utilizar os dados ou sistemas quando necessário, preservada a cadeia de custódia;
- IV - gravação de pré-evento (buffer): o recurso que possibilita a gravação temporária do registro audiovisual por um período pré-determinado, antes que ocorra um evento ou ação específica;
- V - hash: a função responsável por converter dados de entrada de comprimento variável em uma saída de comprimento fixo;
- VI - informação: os dados processados que podem ser utilizados para produção e transmissão de conhecimento, contidos em qualquer meio, suporte ou formato;
- VII - integridade: a qualidade da informação que não foi modificada, quanto à origem, ao trânsito e ao destino;
- VIII - log: o registro informacional cronológico de todos os eventos ou atividades que ocorrem em um sistema, aplicativo ou ambiente específico;
- IX - metadados: o conjunto de dados que descrevem e disponibilizam informações sobre outros dados;
- X - registro audiovisual: a informação ou os dados audiovisuais que podem ser usados para comprovar ou refutar um fato, evento, ação, transação, atividade

criminosa, ou qualquer outra circunstância em um contexto legal, investigativo, regulatório ou de conformidade; e

XI - sistema de gestão das gravações: o conjunto de ferramentas e processos usados para acessar, armazenar, autenticar, gerenciar e preservar registros audiovisuais de forma segura e confiável, garantindo sua integridade, autenticidade e confidencialidade.

CAPÍTULO II

DAS OBRIGAÇÕES

Art. 6º Compete ao Ministério da Justiça e Segurança Pública:

- I - financiar, de acordo com as disponibilidades orçamentárias, projetos de câmeras corporais que atendam as presentes diretrizes;
- II - implementar, monitorar e avaliar projetos de câmeras corporais que contemplem a padronização de procedimentos, o treinamento de pessoal e a avaliação de resultados, dentre outros aspectos;
- III - ofertar consultoria técnica para a elaboração de projetos de câmeras corporais dos órgãos de segurança pública;
- IV - elaborar guias de referência para subsidiar a compreensão dos órgãos de segurança pública quanto às presentes diretrizes e aos demais temas pertinentes;
- V - desenvolver normas técnicas especificando requisitos de segurança cibernética, física e operacional, bem como padrões de coleta, transmissão e armazenamento audiovisual;
- VI - produzir instruções complementares sobre os procedimentos operacionais relacionados às câmeras corporais e ao uso diferenciado da força;
- VII - disponibilizar atas de registro de preços de câmeras corporais, como também de equipamentos de menor potencial ofensivo para eventual adesão dos órgãos de segurança pública;
- VIII - realizar treinamentos sobre câmeras corporais e estimular o uso diferenciado da força;
- IX - incentivar ações de conscientização, discussão e integração dos órgãos de segurança pública com a sociedade civil sobre o uso das câmeras corporais;

X - promover a difusão e o intercâmbio de boas práticas sobre o uso das câmeras corporais;

XI - fomentar pesquisas e estudos sobre a avaliação dos resultados do emprego das câmeras corporais e do uso diferenciado da força; e

XII - estimular a participação social na formulação e no monitoramento dos projetos de câmeras corporais.

Art. 7º Compete aos órgãos de segurança pública:

I - manter estrutura administrativa para a gestão, o acesso e a disponibilização dos registros audiovisuais das câmeras corporais, com a designação de autoridade responsável;

II - implementar, monitorar e avaliar projetos de câmeras corporais que contemplem a padronização de procedimentos, o treinamento de pessoal e a avaliação de resultados, dentre outros aspectos;

III - adequar suas normas institucionais, inclusive disciplinares, à utilização das câmeras corporais, definindo as condutas inadequadas e respectivas sanções;

IV - estabelecer mecanismos para a comunicação de problemas relacionados ao funcionamento e ao uso de câmeras corporais;

V - adquirir câmeras corporais com recursos próprios, em conformidade com suas disponibilidades orçamentárias, ou com recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública e do Fundo Penitenciário Nacional, caso disponíveis;

VI - priorizar o emprego de instrumentos de menor potencial ofensivo por parte dos integrantes dos órgãos de segurança pública que utilizarem câmeras corporais, em consonância com o disposto na Lei nº 13.060, de 22 de dezembro de 2014, e na Portaria Interministerial MJ/SDH nº 4.226, de 31 de dezembro de 2010;

VII - disponibilizar equipamentos de proteção individual em quantidade suficiente e qualidade adequada aos integrantes dos órgãos de segurança pública;

VIII - oferecer formação e capacitação continuada para o uso de câmeras corporais;

IX - desenvolver pesquisas e estudos sobre a avaliação dos resultados do emprego das câmeras corporais e do uso diferenciado da força; e

X - atualizar as matrizes curriculares de formação e capacitação continuada para a inclusão de conteúdos específicos relacionados ao uso de câmeras corporais.

CAPÍTULO III

DA UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS

Art. 8º Os profissionais de segurança pública em serviço deverão utilizar as câmeras corporais, pelo menos, nas seguintes circunstâncias:

- I - no atendimento de ocorrências;
- II - nas atividades que demandem atuação ostensiva, seja ordinária, extraordinária ou especializada;
- III - na identificação e checagem de bens;
- IV - durante buscas pessoais, veiculares ou domiciliares;
- V - ao longo de ações operacionais, inclusive aquelas que envolvam manifestações, controle de distúrbios civis, interdições ou reintegrações possessórias;
- VI - no cumprimento de determinações de autoridades policiais ou judiciárias e de mandados judiciais;
- VII - nas perícias externas;
- VIII - nas atividades de fiscalização e vistoria técnica;
- IX - nas ações de busca, salvamento e resgate;
- X - nas escoltas de custodiados;
- XI - em todas as interações entre policiais e custodiados, dentro ou fora do ambiente prisional;
- XII - durante as rotinas carcerárias, inclusive no atendimento aos visitantes e advogados;
- XIII - nas intervenções e resolução de crises, motins e rebeliões no sistema prisional;
- XIV - nas situações de oposição à atuação policial, de potencial confronto ou de uso de força física;
- XV - nos sinistros de trânsito; e
- XVI - no patrulhamento preventivo e ostensivo ou na execução de diligências de rotina em que ocorram ou possam ocorrer prisões, atos de violência, lesões corporais ou mortes.

§ 1º Os órgãos de segurança pública regulamentarão o uso de câmeras corporais em consonância com o disposto nesta portaria.

§ 2º O uso de câmeras corporais nas atividades de inteligência e nas investigações que possam ter sua eficiência prejudicada será objeto de regulamentação específica pelos órgãos de segurança pública.

§ 3º A regulamentação do uso de câmeras corporais pelos órgãos de segurança pública deverá estabelecer uma ordem de prioridade caso o número de equipamentos disponíveis não atenda à totalidade dos profissionais em serviço.

§ 4º Serão objeto de regulamentação pelos órgãos de segurança pública a classificação e o armazenamento dos registros audiovisuais a partir das hipóteses previstas neste artigo.

Art. 9º Os órgãos de segurança pública desenvolverão procedimentos para assegurar o funcionamento e a correta utilização das câmeras corporais, de modo a garantir que o equipamento esteja sempre disponível e em plena condição de uso.

§ 1º É obrigatória a identificação das câmeras corporais, bem como dos registros audiovisuais decorrentes de seu emprego, por meio de numeração única que possibilite a identificação dos profissionais de segurança pública que as utilizem.

§ 2º Sempre que tecnicamente viável, deve ser possível a localização, em tempo real, das câmeras corporais.

CAPÍTULO IV

DOS PROCEDIMENTOS

Art. 10. A gravação das câmeras corporais ocorrerá, alternativa ou concomitantemente, segundo a regulamentação de cada órgão de segurança pública, admitidas as seguintes modalidades:

I - por acionamento automático, quando:

- a) a gravação é iniciada desde a retirada do equipamento da base até a sua devolução, registrando todo o turno de serviço; ou
- b) a gravação é configurada para responder a determinadas ações, eventos, sinais específicos ou geolocalização;

II - por acionamento remoto: quando a gravação é iniciada, de forma ocasional, por meio do sistema, após decisão da autoridade competente ou se determinada situação exigir o procedimento; ou

III - por acionamento dos próprios integrantes dos órgãos de segurança pública para preservar sua intimidade ou privacidade durante as pausas e os intervalos de trabalho.

§ 1º Independentemente do modo de acionamento, todas as situações previstas no art. 8º desta portaria deverão ser gravadas, especialmente quando ocorrer a hipótese do inciso III, do **caput** deste artigo.

§ 2º Os órgãos de segurança pública deverão adotar, preferencialmente, o modo de gravação a que se refere a alínea “a” do inciso I do caput deste artigo.

§ 3º A regulamentação atenderá:

I - as peculiaridades jurídicas e institucionais das ações gravadas;

II - as situações em que será obrigatória a gravação integral das ações ou apenas a dos fatos de interesse;

III - a supervisão das condutas, inclusive as relacionadas ao registro de retirada e devolução do equipamento e às hipóteses de não acionamento do equipamento, seu desligamento ou acionamento inadequado, bem assim a interrupção da gravação;

IV - o prazo de preservação dos registros, com a especificação dos responsáveis por essa atividade e respectivas atribuições;

V - a possibilidade de utilização de gravação de pré-evento (buffer);

VI - as normas técnicas de certificação das câmeras corporais produzidas pela Secretaria Nacional de Segurança Pública; e

VII - a garantia da intimidade e da privacidade do profissional de segurança pública durante as pausas e os intervalos de trabalho, observado o disposto no art. 8º desta portaria.

§ 4º A restrição ou vedação do uso de câmeras corporais somente poderão ocorrer em situações excepcionais, devidamente fundamentadas.

§ 5º As políticas, diretrizes e procedimentos operacionais relacionados às câmeras corporais deverão ser publicadas e facilmente acessíveis em meio digital.

CAPÍTULO V

DA INTEGRIDADE DOS REGISTROS AUDIOVISUAIS

Art. 11. O sistema de gestão das gravações deverá assegurar a validação da entrada e a saída dos dados no sistema, de maneira a garantir o processamento correto e apropriado do conteúdo armazenado, preservando a rastreabilidade e a custódia dos registros audiovisuais.

§ 1º O rastreamento dos registros audiovisuais inclui a função **hash**, os registros de eventos, a marca d'água, o georreferenciamento, a data, a hora e a identificação do operador e do equipamento.

§ 2º O sistema de gestão das gravações deverá ser auditável, incluindo ferramentas de identificação dos acessos, das consultas e de outras formas de tratamento dos registros audiovisuais.

§ 3º A identificação do usuário e da respectiva câmera corporal em arquivos específicos será assegurada pelo sistema de gestão das gravações.

Art. 12. Os arquivos originalmente produzidos pelas câmeras corporais não poderão sofrer modificações, devendo ser preservadas a sua integridade e rastreabilidade.

§ 1º Sem prejuízo da integridade dos arquivos originais, os órgãos de segurança pública, quando cabível ou necessário, deverão regulamentar a divulgação e o compartilhamento de cópias dos registros audiovisuais com a ocultação de:

- I - sinais de identificação de terceiros não envolvidos na ocorrência;
- II - cenas de nudez explícita;
- III - situações que atentem contra o direito à intimidade e à privacidade dos profissionais de segurança pública; e
- IV - outras situações que demandem a proteção de direitos fundamentais.

§ 2º Nas hipóteses previstas nos incisos do § 1º deste artigo, serão preservados os registros audiovisuais originais em cópias separadas, acessíveis por determinação das autoridades competentes.

§ 3º Mediante requisição das autoridades de que trata o inciso I do art. 19, os registros audiovisuais deverão ser disponibilizados em formato original.

Art. 13. A regulamentação do uso de câmeras corporais pelos órgãos de segurança pública deverá garantir a proteção da cadeia de custódia dos vestígios, indícios e evidências fáticas, na forma prevista no Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal).

CAPÍTULO VI

DO ARMAZENAMENTO DOS REGISTROS AUDIOVISUAIS

Art. 14. O armazenamento dos registros audiovisuais das câmeras corporais deverá respeitar os requisitos mínimos de segurança da informação para utilização de soluções de computação em nuvem estabelecidos pela Instrução Normativa nº 5, de 30 de agosto de 2021, do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República.

Art. 15. Os registros audiovisuais das câmeras corporais deverão ser armazenados por no mínimo noventa dias.

§ 1º Os registros audiovisuais serão armazenados por um ano, no mínimo, quando forem:

- I - vinculados a conjunto probatório que acompanhe inquérito policial, processo judicial, procedimento ou processo administrativo disciplinar;
- II - classificados como de interesse da segurança pública;
- III - relacionados a ocorrências com resultado morte e lesão corporal grave;
- IV - referentes a manifestações, controle de distúrbio civil, interdições ou reintegrações de posse ou contenção de tumultos e rebeliões;
- V - associados a prisões, disparos de arma de fogo ou ingressos em domicílio; ou
- VI - requisitados pelas autoridades elencadas no inciso I do art.19.

§ 2º Os órgãos de segurança pública poderão dispor sobre outros prazos ou circunstâncias de armazenamento dos registros audiovisuais, observados os prazos mínimos previstos nesta portaria.

Art. 16. Os prazos de armazenamento de dados previstos no art. 15 poderão ser prorrogados mediante decisão judicial ou administrativa.

Art. 17. O descarte de registros audiovisuais, mesmo que automatizado pelos sistemas de armazenamento, deverá ser rastreável, sendo obrigatória a manutenção dos logs, metadados e marcas de vinculação.

CAPÍTULO VII

DO ACESSO AOS REGISTROS AUDIOVISUAIS

Art. 18. O acesso aos registros audiovisuais das câmeras corporais será feito em conformidade com a Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.

Art. 19. Os órgãos de segurança pública deverão regulamentar o acesso aos registros audiovisuais das câmeras corporais:

I - mediante requisição de magistrados, de membros do Ministério Público e da Defensoria Pública, de autoridades policiais ou administrativas responsáveis por investigações formalmente instauradas; e

II - por meio de requerimento de advogados regularmente constituídos de vítimas, acusados ou investigados.

§ 1º A regulamentação de que trata o **caput** deverá prever o acesso às informações através de aplicações e sistemas dedicados a esta finalidade, que contemplará os protocolos de segurança cabíveis.

§ 2º Caso inexistente a regulamentação de que trata o **caput**, os órgãos de segurança pública deverão fornecer as informações requisitadas ou requeridas em prazo não superior a vinte dias, prorrogáveis, de forma justificada, por mais dez dias.

§ 3º A utilização dos registros audiovisuais deverá observar a finalidade do acesso requisitado ou requerido, sob pena de responsabilização civil, penal e administrativa do requisitante ou requerente, na forma da lei.

§ 4º Os órgãos de segurança pública deverão disponibilizar o acesso aos registros audiovisuais em tempo real às instituições do sistema de justiça criminal.

Art. 20. Os integrantes dos órgãos de segurança pública poderão solicitar o acesso dos registros audiovisuais das câmeras corporais quando tiverem participado dos fatos registrados.

Art. 21. Sem prejuízo do disposto do art. 12 desta portaria, a divulgação e o compartilhamento de registros audiovisuais não poderão comprometer:

I - direito de imagem dos envolvidos, particularmente em situações que lhes causem constrangimento ou os submetam a situações vexatórias;

II - exames periciais em curso;

III - o sigilo de inquéritos, procedimentos ou processos administrativos ou judiciais sigilosos, inclusive os que tramitam na esfera policial;

IV - a proteção de crianças ou adolescentes envolvidos em atos infracionais; e

V - as regras de ética em pesquisa, desenvolvimento, inovação, tecnologia e aperfeiçoamento profissional.

CAPÍTULO VIII

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 22. Aplica-se o disposto nesta portaria, quando tecnicamente viável, às câmeras veiculares empregadas pelos órgãos de segurança pública.

Art. 23. Os casos omissos serão resolvidos pelo Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública.

Art. 24. Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.



Publicado no DOU de 28/05/2024, Seção 1, Página 1, Edição Extra.



**Standards on
the Use of Force
in Brazil**

**Estándares sobre
el Uso de la
Fuerza en Brasil**

**Normas sobre
o Uso da Força
no Brasil**





Standards on the Use of Force in Brazil

Estándares sobre el Uso de la Fuerza en Brasil

Normas sobre o Uso da Força no Brasil

Brasília-DF, 2026